

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

PAULO RICARDO DA SILVA

A MISERICÓRDIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO:
O princípio da conversão pastoral a partir do pontificado do Papa Francisco.

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
PAULO RICARDO DA SILVA

A MISERICÓRDIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO:
O princípio da conversão pastoral a partir do pontificado do Papa Francisco.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof^a Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

262.17
S586m

Silva, Paulo Ricardo da

A misericórdia como método teológico: o princípio da conversão pastoral a partir do pontificado do Papa Francisco / Paulo Ricardo da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

56 f.

Orientador: Ceci Maria Costa Baptista Mariani.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Papas. 2. Papa Francisco. 3. Misericórdia. I. Mariani, Ceci Maria Costa Baptista. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 262.17

PAULO RICARDO DA SILVA

A MISERICÓRDIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO:
O princípio da conversão pastoral a partir do pontificado do Papa Francisco.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof^a Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Trabalho aprovado pelo docente
responsável em 28/06/2022



Prof^a. Dra. Ceci Ceci Maria Costa Baptista Mariani.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem Ele sei que nada seria possível. À Santíssima Virgem Maria por interceder por mim junto a Deus.

À diocese de Bragança Paulista, nas pessoas de meus reitores, do seminário propedêutico Imaculada Conceição, Pe. Wagner da Silva Navarro e do seminário maior de Teologia, Pe. José Antônio Boareto pelo incentivo e sustentação do meu processo formativo, pois com o acompanhamento e confiança deles foi possível chegar a esta etapa da formação sacerdotal.

Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas. Obrigado pela força e carinho, pois sem eles sei que seria muito mais difícil chegar até aqui.

Aos meus amigos que encontrei nesse processo formativo, sou grato pela convivência fraterna. Em especial agradeço a alguns que se fizeram mais presentes, Gustavo Ferreira dos Santos, Leandro Ramos Morelli e Pe. Francisco Gilson de Sousa Lima pelo incentivo e força durante todo esse período.

A Prof^a Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani, pela amizade, orientação e incentivo para a realização deste trabalho.

“Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27).

RESUMO

O presente trabalho visa a apresentar uma pesquisa sobre o processo de conversão pastoral na vida da Igreja tendo como princípio o conceito de misericórdia. Esse conceito é o que perpassa todo o pontificado do Papa Francisco até o presente momento, o que se tornou digno de estudos. Será destacado como a Igreja, em sua construção histórica, em alguns aspectos se distanciou de sua missão como continuadora do projeto de Cristo, mostrando, deste modo, os motivos pelos quais ela é chamada a uma conversão. Apontaremos que a partir do Concílio Vaticano II e, por conseguinte, com as conferências episcopais latino-americanas, a Igreja é convidada a um retorno às suas origens, ou seja, ao próprio Jesus Cristo. E dessa maneira culminaremos no pontificado de Francisco, o qual retoma a proposta do Vaticano II e das conferências episcopais para propor com maior ênfase a conversão de toda a Igreja, demonstrando que o caminho para se chegar à conversão pastoral – a qual é a resposta para os desafios pastorais no mundo de hoje – é através da misericórdia.

Palavras-chave: Papa Francisco. Conversão Pastoral. Misericórdia.

ABSTRACT

This work aims to present a research about the process of pastoral conversion in the life of the Church, based on the concept of mercy. This concept is what runs through the entire pontificate of Pope Francis until the present moment, which has become worthy of study. It will be highlighted how the Church in its historical construction in some aspects distanced itself from its mission as a continuator of the project of Christ, showing in this way the reasons why she is called to a conversion. We will point out that from the Second Vatican Council and consequently with the Latin American episcopal conferences, the Church is invited to return to its origins, that is, to Jesus Christ himself. And in this way we will culminate in the pontificate of Francis, which takes up the proposal of Vatican II and the episcopal conferences to propose with greater emphasis the conversion of the whole Church. Demonstrating that the path to pastoral conversion – which is the answer to pastoral challenges in today's world – is through mercy.

Keywords: Pope Francis. Pastoral conversion. Mercy.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	9
<u>1. O CORPO MÍSTICO DE CRISTO, A IGREJA COMO CONTINUADORA DAS PROPOSTAS DE JESUS.</u>	12
<u>1.1</u> <u>Introdução</u>	12
<u>1.2</u> <u>A Igreja corpo e sacramento.</u>	12
<u>1.3</u> <u>A Igreja e sua ação pastoral no mundo.</u>	14
<u>1.4</u> <u>As propostas para uma conversão pastoral.</u>	15
<u>1.5</u> <u>Medellín e a conversão pastoral.</u>	16
<u>1.6</u> <u>Discípulos missionários, a conversão em Aparecida.</u>	18
<u>2. UMA INSTITUIÇÃO A SERVIÇO DOS HOMENS OU DO REINO DE DEUS?</u> ..	23
<u>2.1</u> <u>Introdução</u>	23
<u>2.2</u> <u>Uma instituição chamada a conversão.</u>	23
<u>2.3</u> <u>As formas de manutenção da Instituição.</u>	27
<u>2.4</u> <u>Os diversos modelos de pastoral.</u>	30
<u>2.5</u> <u>Evangelii Gaudium: uma proposta de conversão.</u>	32
<u>3. A MISERICÓRDIA: UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL.</u>	38
<u>3.1</u> <u>Introdução.</u>	38
<u>3.2</u> <u>O Papa da misericórdia: uma proposta de mudança.</u>	38
<u>3.3</u> <u>Lampedusa, uma viagem que marcou seu pontificado.</u>	38
<u>3.4</u> <u>A promoção do jubileu da misericórdia (2015-2016).</u>	44
<u>3.5</u> <u>A abertura de uma lavanderia, um gesto de amor e misericórdia.</u>	45
<u>3.6</u> <u>O beijo nos pés dos líderes do Sudão do Sul.</u>	46
<u>3.7</u> <u>A viagem ao Iraque.</u>	47
<u>CONCLUSÃO</u>	49
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.</u>	52

INTRODUÇÃO

Ao observarmos nossa experiência pastoral nas comunidades, nota-se que muitas pessoas sofrem de um demasiado temor a Deus num sentido pejorativo. Percebe-se muitas vezes que a maioria dos problemas que encontramos na vida pastoral são consequências de uma relação mal compreendida do ser humano com Deus. Não obstante, muitos ainda insistem em pregar um Deus totalmente diferente do que é apresentado por Jesus nos relatos evangélicos e isso traz, por sua vez, consequências maléficas ao anúncio do Evangelho e à relação das pessoas com Deus. Muitos carecem de uma compreensão do Deus que é comunhão, amor e misericórdia e por isso tendem a desumanizar a si mesmos e ao outro e, “quando uma pessoa se desumaniza, por mais religiosa que seja, o que acontece na realidade é que ela crê em um Deus que é um fantasma, um ídolo ou mesmo um verdadeiro monstro” (CASTILHO.2006, p. 25). É difícil para muitos aceitar que Jesus foi alguém que acolheu a todos sem distinção e ensinou ao homem o modo de ser perfeitamente humano, vivendo a comunhão e a fraternidade.

Constata-se ainda que o crescente número de pessoas que se denominam ateias deve-se ao fato de uma má compreensão de quem é o Deus revelado em Jesus Cristo, e que as diversas situações de divisões, discussões e preconceitos se devem ao mesmo fato. Esta condição, por sua vez, impulsiona o distanciamento de tantos da vida eclesial. A solução para problemas como o ateísmo e tantos outros encontrados no ambiente eclesial é exposto pela Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: “Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros” (GS, 21). Ou seja, faltamos em nossa vida pastoral uma vivência maior da fraternidade e da misericórdia, uma compreensão maior do amor entre todos, buscando levar a palavra de Deus vivendo-a, e compreendendo que é na vida íntegra de cada um de nós que conseguiremos anunciar verdadeiramente o Cristo a todas as nações.

Por outro lado, é salutar destacarmos o empenho de alguns em buscar apresentar esse rosto fraternal de Deus, um Deus acolhedor e compassivo. Desponta nesse ambiente e em nossa época Francisco, um papa que com suas encíclicas, cartas, exortações e discursos tem se comprometido tanto no anúncio do Deus que é amor, trabalhando para que a humanidade se torne mais fraternal. Francisco, em seu magistério, tem buscado demonstrar sua preocupação em levar as pessoas a uma verdadeira relação com Deus e com o próximo, chamando-nos a um processo de conversão pastoral, processo esse que deve buscar a humanização de todos.

Destarte, seu pontificado tem sido marcado pelo caminho da relação com o outro e com Deus. Encontra-se em suas encíclicas uma preocupação com o mundo em sua integralidade e o modo como o ser humano tem acolhido a proposta de Jesus, uma proposta humanizadora. Notamos que diversas vezes ele tem insistido num processo de conversão que não é apenas individual, mas de um todo, de um modo de agir e de ser. É isso que ele então chama de conversão pastoral, uma pastoral que busque mudanças, que busque estar aberta às dificuldades que vão sendo apresentadas dia após dia. Uma Igreja preocupada em dar respostas às dificuldades que cada ser humano carrega consigo, que não se contenta em ficar no comodismo. Isto diz o Papa: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG, 25). É conseqüentemente a conversão pastoral que irá contribuir para que nossas comunidades se tornem de fato lugares prazerosos de estar, se tornem verdadeiros “hospitais de campanha” (AL, 291), onde as pessoas possam sentir-se cuidadas.

Este chamado do Papa à conversão pastoral exige que percorramos um caminho, pois sabemos que esta conversão parece ser, no que concerne ao magistério de Francisco, uma resposta aos desafios da atualidade. Contudo, para isso é preciso um método ou um eixo norteador que orientará o processo pelo qual poderemos alcançar tal proposta. Resultante disto, surge então o questionamento fundamental do nosso trabalho que visa responder a seguinte pergunta: Qual caminho devemos percorrer para a realização de uma conversão pastoral segundo o Pontificado de Francisco?

A pastoral da Igreja é o nosso objeto de estudo. Buscamos refletir sobre o caminho a ser seguido para alcançar uma conversão pastoral, pois “toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação” (UR, 6). É respondendo a sua vocação que a Igreja se tornará cada vez mais um verdadeiro lugar de encontro com Deus e com o próximo.

No primeiro capítulo buscamos apresentar o papel da Igreja enquanto continuadora do projeto de Jesus. Apresentamos a pastoral como ação da Igreja pela qual ela dá seguimento ao pedido de Jesus no que se refere ao anúncio do evangelho. Mostramos como a proposta de conversão pastoral, tão bem enfatizada pelo Papa Francisco, é uma proposta que já vem sendo discutida por algum tempo, de maneira especial com o Concílio Vaticano II. Mas também destacamos as propostas de conversão, apontadas pelas conferências episcopais latino-americanas, como é o caso das conferências de Medellín e de Aparecida.

No segundo capítulo abordamos primeiramente a situação da Igreja como Instituição que, por muito tempo e ainda hoje, luta por uma manutenção que não é a do Evangelho, mas antes a manutenção do poder. A história mostra que a Igreja sempre enfrentou o problema do poder, ficando entre a preocupação com o fiel e a preocupação com a própria manutenção como instituição dotada de poder. Apresentamos aqui, entretanto, que a crise não é apenas da Igreja, mas da sociedade em sua totalidade. Pudemos observar que, diante desses desafios, é possível ser sinal de mudança diante de um mundo cada vez mais distante do Evangelho.

Vimos que a compreensão das dificuldades eclesiais no momento atual nos possibilita entender os motivos pelos quais o pontificado de Francisco propõe a conversão pastoral. Ao que nos parece, a conversão pastoral é a resposta que a Igreja pode dar para ser fiel à sua vocação e conseqüentemente lutar contra as dificuldades que estão surgindo e irão ainda surgir no decorrer da história. Contudo essa proposta só poderá ser alcançada se o caminho for a misericórdia. Este, ao nosso ver, é o conceito chave para se entender o pontificado atual.

No terceiro capítulo buscamos abordar os gestos e palavras do Papa Francisco concernente à proposta de uma conversão pastoral. Francisco tem se destacado pelo seu modo diferente de agir em relação aos seus antecessores. Queremos aqui demonstrar que suas atitudes e palavras estão sempre conectadas e que sua recomendação de abraçar o caminho da misericórdia é que nos tornará mais próximos do Evangelho e fiéis ao chamado de Deus. Num primeiro momento destacamos sua na Exortação *Evangelii Gaudium*, o seu desejo de uma Igreja em saída e, por conseguinte, algumas de suas atitudes concretas, tais como a viagem à Ilha de Lampedusa, a promoção do Ano Jubilar da Misericórdia (2015-2016), a abertura de uma lavanderia para os pobres e moradores de rua na cidade de Roma, o seu beijo nos pés dos líderes do Sudão do Sul e sua viagem ao Iraque.

Com esses exemplos demonstraremos como Francisco aponta a Misericórdia como caminho para uma conversão pastoral, que por sua vez é uma necessidade urgente para toda a Igreja.

1. O CORPO MÍSTICO DE CRISTO, A IGREJA COMO CONTINUADORA DAS PROPOSTAS DE JESUS.

1.1 Introdução

Neste primeiro capítulo buscar-se-á apresentar o papel da Igreja enquanto continuadora do projeto de Jesus. Apresentar-se-á a pastoral como ação da Igreja, pela qual ela dá seguimento ao pedido de Jesus no que se refere ao anúncio do evangelho. Mostraremos como a proposta de conversão pastoral tão bem enfatizada pelo Papa Francisco, é uma proposta que já vem sendo discutida por algum tempo, de maneira especial com o Concílio Vaticano II. Mas também destacaremos as propostas de conversão, apontadas pelas conferências episcopais latino – americanas, como é o caso das conferências de Medellín e de Aparecida.

1.2 A Igreja corpo e sacramento.

Ao fundar a Igreja, Jesus impeliu aqueles que se dispusessem a segui-lo para se orientarem a partir dos fundamentos de suas ações. Disto decorre que os discípulos são chamados então a se colocarem na condição de seguidores de Cristo em gestos e palavras. Por essa razão a Igreja torna-se sinal do próprio Cristo e promulgadora de seu projeto para a humanidade, que é um projeto de salvação. A Igreja desta forma pode ser chamada de sacramento, ou seja, sinal e instrumento de salvação. Assim, “ela está no mundo, mas não é deste mundo” (BRIGHENTI, 2017, p. 21). Da mesma forma que Deus nos trouxe a salvação por intermédio de Cristo, com sua encarnação, Cristo impele a Igreja a continuar esse projeto no mundo, uma vez que ele agora se apresenta a nós por meio dela. Mas que significado tem para nós a Igreja ser um sacramento? Para uma boa compreensão das razões pela qual a Igreja pode ser referida como sacramento, se faz necessário entender o significado preciso desta palavra. O termo sacramento, como apresentará o Catecismo da Igreja Católica, tem sua origem da palavra grega “*mysterion*”, que teve como sua tradução as palavras latinas “*mysterium*” e “*sacramentum*”, que, por sua vez, expressa melhor o sinal visível de uma realidade invisível da salvação, e esta realidade invisível identifica-se assim com a palavra “*mysterium*”. Nisso entendemos então que Cristo é o verdadeiro mistério da salvação (Cf, CIC, 774). A Igreja, por sua vez, é oportunamente designada sacramento, pois expressa a realidade imanente daquele que é transcendente.

É digno de nota o fato de que na Igreja existam duas realidades ou dimensões que se cruzam, podendo afirmar que a Igreja é uma realidade complexa, com dupla orientação, uma humana e outra divina. Isto posto, entende-se que a Igreja pode ser tratada como sacramento,

pois é o “sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, 1). Ela é convocada por Deus para exercer esta função, levando a todas as nações o evangelho, que é o próprio Cristo, podendo ainda completar que a Igreja não salva, mas tem a missão de levar a salvação, de apresentar a todos o único e verdadeiro salvador que é o Cristo Jesus.

Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente. Escolheu, por isso, a nação israelita para Seu povo. Com ele estabeleceu uma aliança; a ele instruiu gradualmente, manifestando-Se a Si mesmo e ao desígnio da própria vontade na sua história, e santificando-o para Si (LG, 9).

Assim sendo, a Igreja surge de uma vontade divina, uma vontade de salvação, é em Jesus, com Jesus e por Jesus que a Igreja é fundada. Disto compreendemos sua íntima comunhão com Ele e porque devemos entendê-la como sacramento de unidade, pois ela vive de Cristo e em Cristo. Assim como aprouve a Deus humanizar-se encarnando-se, aprouve também a Ele fundar a Igreja. Desta maneira, se tem como cabeça O Cristo, o mediador verdadeiro que orienta e conduz o seu corpo, que é a Igreja. Ela com os seus membros numa unidade intrínseca a Jesus contribui para a edificação da humanidade, assim como mediante a encarnação Deus nos salva, a Igreja mediante ao seu serviço de comunhão a Jesus nos conduz para Ele, para Nele sermos salvos.

Cristo, mediador único, estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a Sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça[...] assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolivelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo. (LG, 8)

A partir de Jesus podemos ter acesso a Deus, com Ele se abre a possibilidade de encontrarmos o divino, pois “Jesus (e apenas Ele) é a imagem exata, a reprodução perfeita, do próprio ser de Deus, do que é em sua realidade mais profunda” (Castilho, 2015, p. 180), assim como pela encarnação temos acesso a Deus, pela Igreja temos acesso a Jesus. Da realidade imanente temos a possibilidade de alcançar o transcendente, não de maneira absoluta, mas graças a este corpo místico que é a Igreja, podemos experimentar, já aqui na terra, o que um dia poderemos viver na glória celeste. Em virtude da dupla realidade presente na Igreja, a humana e a divina, visível e invisível, ela se constitui um mistério de salvação, ou, dito de outra forma, sacramento universal da salvação.

[...] e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela

é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos (SC, 2).

Isto posto, podemos afirmar que a missão da Igreja está em horizonte soteriológico, pois ela existe para ser o instrumento de salvação, ainda que não seja ela a salvação em si, mas sinaliza, conduz e leva àquele que é o único salvador, Jesus Cristo. É na história que a Igreja caminha e leva a mensagem de Jesus, sendo sinal desta salvação, conduzindo a todos por um caminho de libertação e de uma verdadeira humanização, caminhando pelas tentações e provações do mundo, sendo fortalecida pela graça de Deus, tal e qual o Senhor prometera (Cf, LG, 9). A Igreja como sacramento da salvação em Jesus Cristo, busca unir-se aos homens, que por meio dela se unem a Cristo e por meio Dele são salvos.

[...] ressuscitado de entre os mortos, infundiu nos discípulos o Seu Espírito vivificador e por Ele constituiu a Igreja, seu corpo, como universal sacramento da salvação; sentado à direita do Pai, atua continuamente na terra, a fim de levar os homens à Igreja e os unir mais estreitamente por meio dela, e, alimentando-os com o Seu próprio corpo e sangue, os tornar participantes da Sua vida gloriosa (LG, 48).

Portanto, podemos de maneira acertada tratar a Igreja como sacramento, pois é exatamente o que ela é. Ela foi fundada para isso, para ser sinal do amor de Deus por nós. Graças a ela podemos nos unir a Deus e aos homens de todas as raças e línguas, congregados numa nova aliança realizada em Jesus. Por meio dela podemos experimentar pela celebração da liturgia terrena o que um dia celebraremos na liturgia celeste na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos direcionamos na comunhão com Cristo que está sentado à direita do Pai (Cf, SC, 8).

1.3 A Igreja e sua ação pastoral no mundo.

Como acabamos de tratar acima, a Igreja é um sinal e instrumento de salvação de Deus. Isto posto, podemos afirmar que o modo que ela dispõe para cumprir sua missão no mundo é através da pastoral. Através da pastoral a Igreja age no mundo, levando Cristo a todos e convidando a cada um a acolhê-lo como seu único salvador. Tem, desta maneira, como “objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Paráclito, a obra de Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, não para julgar, mas para salvar, não para ser servido, mas para servir” (GS, 3). Deste modo respondendo as necessidades que a história humana vai apresentando, esta Igreja coloca-se em serviço para levar a paz e justiça a todas as nações. É de fato um empenho no qual todo o corpo de Cristo se movimenta, pois não basta falar de Jesus, antes deve apresentá-lo de forma concreta, ou seja, de modo que as pessoas sintam aquele mesmo acolhimento que sentiriam se fosse o próprio Cristo encarnado que as acolhesse. Pastoral é o ato de pastorear, ato daquele que busca acolher, de anunciar e de promover o outro.

“A ação pastoral está centrada, portanto no testemunho e no anúncio, na celebração eucarística e na assistência aos pobres, decorrência ou consequência da Palavra e da Eucaristia” (BRIGHENTI, 2017, p.22).

É por razão daquilo que cremos e professamos que a pastoral se realiza, pois uma vez que cremos, que acreditamos, ou seja, que aderimos a Cristo, nós nos tornamos um com ele, e desta forma nossas ações se identificam com aquele que é o pastor por excelência. De modo que nossa fé se expressa em obras, pois uma fé que não se testemunha em obras não é uma fé viva, é uma fé morta (Cf, Tg 2, 26). É por razões como as quais elencamos que a Igreja, respondendo a seu chamado a ser sinal e instrumento de salvação de Deus, irá se debruçar a refletir e inspirar os homens de boa fé, para que se coloquem a serviço de todos, em especial daqueles que mais necessitam. Assim, no decorrer dos tempos, a Igreja foi refletindo sobre a pastoral, elaborando documentos que norteiam o agir de seus membros, inspirando a todos o melhor caminho para se seguir Jesus.

1.4 As propostas para uma conversão pastoral.

A Igreja a partir do Concílio Vaticano II avançou muito naquilo que chamamos de pastoral. Com o Concílio a Igreja começa a refletir sobre seu verdadeiro papel no mundo, não fica mais numa relação paralisadora frente aos acontecimentos da sociedade, mas torna-se dinâmica num sentido de se incorporar às realidades de seu povo. De certo modo poderíamos dizer que há uma mudança do universal para o particular, em que a Igreja não se vê mais como aquela que determina o que deve ser seguido, mas que, a partir da realidade das pessoas, vai construindo caminhos para o encontro com Cristo. Disso resulta uma Igreja de comunhão e participação, a qual necessita de uma renovação em seus modos de enxergar os diversos ministérios. O Concílio convida toda a Igreja a ser viva e participativa nas realidades de seus membros, uma Igreja verdadeiramente profética e atenta para as mudanças que vão ocorrendo no decurso do tempo, pois isso exige dela uma nova análise do mundo.

O próprio movimento da história torna-se tão rápido, que os indivíduos dificilmente o podem seguir. O destino da comunidade humana torna-se um só, e não já dividido entre histórias independentes. A humanidade passa, assim, duma concepção predominantemente estática da ordem das coisas para um outra, preferentemente dinâmica e evolutiva; daqui nasce uma nova e imensa problemática, a qual está a exigir novas análises e novas sínteses (GS, 5).

Com esse novo momento da história da Igreja surge um novo pensar sobre a pastoral e abrem-se caminhos para as propostas de uma conversão pastoral, que irão aparecer de modo especial nos documentos das conferências-gerais do episcopado Latino-americano e do Caribe,

que são por sua vez uma resposta aos anseios levantados a partir do Concílio. A Igreja, no Concílio Ecumênico do Vaticano II, é convidada a ter um olhar mais voltado para o diálogo com Deus, consigo mesma e com o mundo. Uma Igreja de volta às origens, uma Igreja voltada para o encontro. É um novo momento da história, no qual a Igreja se define como sacramento da reconciliação, propondo uma superação dos momentos conflituosos que já foram vivenciados.

Com os conceitos de aggiornamento e diálogo, temos uma nova concepção de salvação, ela não se coloca antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo. A salvação começa-se a construir neste mundo onde temos as sementes do verbo, embora não se esgote com a realidade e na realidade deste mundo (LORSCHEIDER, 2005, p.43).

Com o Concílio a Igreja instaura um novo momento em sua história, mas é um fato que este avanço ainda precisa ser consolidado, pois não são raros os momentos nos quais a Igreja pode enrijecer-se novamente em suas estruturas e não colaborar com o avanço do anúncio evangélico. É certo que o que a Igreja avançou com o Vaticano II, precisa urgentemente ser retomado. O sentido de diálogo, comunhão e participação parece ser algo que teoricamente é bem compreendido pelos membros da Igreja, mas infelizmente na prática tem demonstrado pouca eficácia. Não obstante a isso, a Igreja tem-se distanciado de um diálogo com outras religiões, nota-se um grande crescimento do preconceito e um aparente medo em relação a outras formas de expressar a fé. Por tal maneira, falar de conversão pastoral não é apenas uma proposta que deve ser ouvida, mas é uma necessidade que precisa ser abraçada com todas as forças para que as propostas de Jesus sejam verdadeiramente seguidas e vivenciadas não apenas no discurso, mas de maneira prática e eficaz.

1.5 Medellín e a conversão pastoral.

O conceito de conversão pastoral logo vai tornando-se algo amplamente discutido entre os bispos e sacerdotes da Igreja. A conferência episcopal latino-americana de Medellín, trata da conversão pastoral de uma paróquia. Essa conferência é a mais rápida a dar uma resposta a necessidade levantada pelo Concílio. Do mesmo modo que o Concílio propõe à Igreja olhar para si mesma e reconhecer seu papel no mundo, a conferência de Medellín, propõe um olhar da Igreja latino-americana para as necessidades de seu povo local. Busca-se uma nova interpretação dos acontecimentos do tempo atual e quais respostas dar para os desafios encontrados. Com isso o conceito de conversão pastoral vai se tornando algo necessário para uma Igreja que pretende voltar-se para si e a partir disto dar uma nova resposta ao mundo. A conversão pastoral é mais que uma simples mudança da estrutura hierárquica, é uma mudança na estrutura cultural do pensamento vigente. Se faz necessário compreender que todos fazemos

parte de um único corpo, somos apenas membros, não somos o corpo, mas fazemos parte dele, não nos tornamos corpo sem a comunhão e participação.

A Igreja em Medellín, abraça de modo eficaz as propostas do Concílio Vaticano II, quer tornar-se uma Igreja com o seu povo, solidária com o sofrimento humano e disposta a dar voz a todos aqueles que não podem falar ou são silenciados pelos poderes deste mundo. É, deste modo, uma Igreja que, a exemplo de Jesus, denuncia as injustiças e luta pela igualdade e fraternidade entre todos.

O documento das conclusões de Medellín constitui uma reflexão progressista da Igreja que se faz solidária com os pobres e excluídos da sociedade, questionando-se sobre qual o real papel da Igreja Católica Romana no continente latino-americano, que por sua vez é fortemente marcado por uma trajetória histórica de miséria, opressão, exploração, dependência política e econômica, genocídios culturais para com os povos nativos, todavia, portador de um ardente e incessante desejo de mudança e transformação de sua realidade (DIEKMANN; MASLOWSKI, 2021, p. 5).

Em Medellín a proposta feita à Igreja é buscar estar mais próxima daqueles que sofrem, dando o que comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, visitando quem está enfermo (Cf, Mt 25, 31-36). Uma Igreja que assume em sua realidade que tudo aquilo que faz e deve ter como princípio é a vontade de Cristo. Seu papel no mundo é dar continuidade às propostas de Jesus, sendo luz para todas as nações, iluminando os passos da sociedade para que possam encontrar a Verdade que é Cristo somente. Esta é a Igreja pensada e apresentada em Medellín e para que isso se concretize é necessária uma nova organização tanto política quanto social. Faz-se necessário rever seus passos e seu modo de agir no mundo, em especial na América Latina, e para tanto exige-se uma conversão pastoral, um novo modo de interpretar e agir. Se pastoral é o modo de ação da Igreja no mundo, conversão pastoral significa um retorno às bases de sua ação, conversão é uma mudança, um retornar àquilo que antes já se realizava. Sendo assim, conversão pastoral é um voltar-se aos modos de agir de Cristo, aos seus princípios básicos, é a metanoia.

Metanoia significa pensar diferente. Mudar as referências do pensamento, base para a ação. Daí seu significado tradicional como “voltar o coração para Deus”, como sendo pensar de outra forma, o que vai ocasionar novo comportamento. Mas a ênfase não se coloca no fazer coisa diferente, mas sim na mudança de forma de pensar. Agora é para pensar segundo os critérios de Deus, isso o que significa conversão (MANZATTO, 2016, p. 7).

Esse “voltar o coração” era já o pedido de João Batista que solicitava aos seus, “preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas” (Mc 1,3), e ainda nas palavras de Jesus, “arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1, 15). Essa era a mudança proposta desde a encarnação do Filho de Deus. Deus que se fez homem, quis por meio de seu filho nos mostrar

o caminho para chegar à vida plena e feliz, o caminho da conversão. Por essa razão podemos supor que, uma vez que a conversão proposta por Jesus era a resposta para a verdadeira vida nova em Cristo, a conversão pastoral que hoje é um anseio da Igreja é a resposta para esse acolhimento de Cristo, ou seja, é a resposta para os desafios que a Igreja vem enfrentando hoje, tais como o relativismo, individualismo e a intolerância religiosa. Com isso a proposta de conversão pastoral não é apenas um apelo, mas uma necessidade urgente.

1.6 Discípulos missionários, a conversão em Aparecida.

Como observamos anteriormente, a proposta de conversão pastoral tem sido um tema muito importante desde o Concílio Vaticano II. De modo especial a Igreja na América Latina esforçou-se para aderir de maneira eficaz às propostas do Concílio, criando espaços para reflexão com suas conferências. Aparecida, assim como Medellín, destaca a importância de uma conversão pastoral para responder às necessidades e às dificuldades da Igreja no mundo atual, mas de modo diferente, pois o contexto em que as conferências acontecem é outro. É um momento diferente da história da Igreja Latino-Americana, em que surge a necessidade de responder às demandas que agora se tornam cada vez mais urgentes em sua época, constituindo deste modo uma eclesiologia diferente da conferência de Medellín.

Em Aparecida há um retorno a eclesiologia de Medellín, mas na luz das grandes linhas do Concílio Vaticano II, vistas em perspectiva mais ampla: o social e o pessoal, o político e o religioso, o econômico e o cultural. Em Medellín, o contexto era de ditadura militar, de catolicismo majoritário, de êxodo rural, de início do empobrecimento do povo, de crença no socialismo, de perspectiva de mudança. [...] Já em Aparecida, o contexto é de democracia, ainda que aparente, de ditadura econômica do mercado, de neoliberalismo, de descrença no socialismo, de refluxo dos movimentos sociais, de crise do catolicismo, de crescimento do pluralismo religioso, ético e cultural, de crescimento de igrejas pentecostais, de fortalecimento dos movimentos eclesiais em detrimento da força das comunidades. Daí uma eclesiologia mais abrangente menos polarizada e polarizadora, fundada na espiritualidade da comunhão, na necessidade de um ecumenismo intra-católico, de uma opção pelos pobres fundada teológica e cristologicamente (FELLER, 2008, n. 3).

É uma Igreja chamada a evangelizar correspondendo ao chamado de Cristo: todos os fiéis batizados são então convidados a ser luz para toda a humanidade. A Igreja torna-se mais fiel à sua missão quando se assemelha a Jesus, quando responde de modo fidedigno às propostas que Ele realizou, pois ela é a portadora deste mistério que traz a salvação a todos. É uma obrigação, ou de outro modo, uma missão à qual a Igreja não pode renunciar, pois se assim o fizer, renunciará à sua própria essência, o seu eixo norteador seria então deixado de lado. Constituir-se-ia em uma ONG e perderia seu sentido místico de corpo de Cristo. Por tal maneira ela deve cumprir sua missão de se assemelhar cada vez mais a Cristo, convertendo-se cada dia mais a Ele.

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt, 9, 35-36). Ele, sendo o Senhor, se fez servidor até a morte de cruz (cf. Fl 2, 8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8, 9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc, 6, 20; 9, 58), e a de anunciar o Evangelho da paz sem bolsa ou alforge, sem colocar nossa confiança no dinheiro nem no poder deste mundo (cf. Lc 10, 4 ss). Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho (DAp. 31).

Com isso entendemos aquilo que foi tratado no início deste capítulo: a Igreja é sacramento de Cristo, pois, ao realizar suas obras, ela manifesta não apenas o seu desejo, mas o do próprio Jesus. Torna-se sinal de Cristo no mundo, apontando para aquele que é a única verdade, a única Vida e o único Caminho. Essas são as propostas que Aparecida faz para todo o povo de Deus, pois todo cristão batizado é chamado a ser este sinal de Cristo no mundo, pois sua adesão confere a ele um caráter, ou, de outro modo, uma característica que é a de Cristo. Pelo batismo somos como que enxertados no tronco que é Jesus. Uma vez que isso acontece, não somos mais duas realidades diferentes, mas uma única realidade, ou seja, a realidade de Cristo. Por isso São Paulo exclama “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne eu a vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl. 2, 20). Essa é a proposta de conversão pastoral discutida em Aparecida, é o retornar-se a Cristo, assumir de fato o nosso papel de cristão no mundo, sendo verdadeiros discípulos missionários da Igreja, compreendendo as dificuldades que nosso continente vem enfrentando nos momentos atuais, e procurando meios para que o Evangelho seja levado a todos.

Aparecida é, pois, um convite a assumirmos de modo inequívoco o fato de estarmos em tempo de pluralismo cultural e religioso, em que o cristianismo sai do centro da cena, deixando de ser o eixo articulador da totalidade da vida. Esta questão da ruptura entre evangelho e cultura se torna urgente e mesmo prioritária, na medida em que, durante séculos, a integração entre ambos tem representado um dos mais significativos eixos da ação evangelizadora (AMADO, 2008, p. 304).

Eis os motivos pelos quais, enfrentamos hoje tantas dificuldades no âmbito social, político e religioso: a ruptura entre o Evangelho e a cultura faz com que todos os outros eixos da vida se dilacerem diante dos avanços de uma sociedade cada vez mais consumista e individualista. Impera a lei do mercado, embora os seres humanos se tornem peças de um tabuleiro que alguns poucos jogam, ou seja, aqueles que detêm o poder do dinheiro controlam todo o restante da população que, sem perceber, acaba por se tornar fantoche nas mãos desses que buscam dominar cada vez mais o mundo. Com esse distanciamento do Evangelho e cultura, cresce também a má compreensão que as pessoas têm de Deus, não acolhendo as propostas de

Nosso Senhor como algo positivo, pois não conseguem compreender os motivos de tanto sofrimento em suas vidas.

Com isso podemos chegar a uma conclusão de que muitas vezes a maioria dos problemas que encontramos na vida pastoral são consequências de uma relação mal compreendida entre o ser humano e Deus. Ainda que muitos ainda insistam em pregar um Deus totalmente diferente do que é apresentado por Jesus nos relatos evangélicos, isso traz, por sua vez, consequências maléficas ao anúncio do Evangelho e à relação das pessoas com Deus. Muitos carecem de uma compreensão do Deus que é comunhão, amor e misericórdia e por isso tendem a desumanizar a si mesmo e ao outro e “quando uma pessoa se desumaniza, por mais religiosa que seja, o que acontece na realidade é que ela crê em um Deus que é um fantasma, um ídolo ou mesmo um verdadeiro monstro” (CASTILHO, 2006, p. 25). É difícil para muitos aceitar que Jesus foi alguém que acolheu a todos sem distinção e ensinou ao homem o modo de ser perfeitamente humano, vivendo a comunhão e a fraternidade e não é por menos que Aparecida nos adverte que os cristãos precisam voltar-se a Cristo, um verdadeiro recomeçar a partir Dele.

Por essa razão, os cristãos precisam recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido. Necessitamos fazer-nos discípulos doces, para aprendermos dele, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida. E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe. Em Cristo, Sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1, 30), a cultura pode voltar a encontrar seu centro e sua profundidade, a partir de onde é possível olhar a realidade no conjunto de todos seus fatores, discernindo-os à luz do evangelho e dando a cada um seu lugar e sua dimensão adequada (DAp. 41).

É nesse recomeçar em Cristo, que iremos encontrar as bases para uma verdadeira conversão pastoral conforme salienta Aparecida, pois o mundo necessita desta mudança, e não é somente em campo religioso, mas em todos. Destarte podemos observar que essa falta de retorno a Cristo é causa do distanciamento da sociedade com o Evangelho, o qual traz consequências cada vez mais desafiadoras. Por exemplo, o crescente número de pessoas que se denominam ateias deve-se ao fato de uma má compreensão de quem é o Deus revelado em Jesus Cristo, e que as diversas situações de divisões, discussões e preconceitos se devem ao mesmo fato. Esta condição, por sua vez, impulsiona o distanciamento de tantos da vida eclesial. A solução para problemas como o ateísmo e tantos outros encontrados no ambiente eclesial é exposto pela Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: “Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há de vir da conveniente exposição da doutrina e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros”

(GS, 21). Ou seja, falta-nos em nossa vida pastoral uma vivência maior da fraternidade e da misericórdia, uma compreensão maior do amor entre todos, buscando levar a palavra de Deus vivendo-a, e compreendendo que é na vida íntegra de cada um de nós que conseguiremos anunciar verdadeiramente o Cristo a todas as nações. Este é o grande apelo de Aparecida, uma conversão pastoral por meio da qual todos se tornem verdadeiros discípulos missionários, anunciando não só com palavras, mas testemunhando a pessoa de Jesus. Pois nosso encontro não é com algo ou alguma coisa, mas sim com uma pessoa como destaca Bento XVI, “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DC, 1).

Com essas palavras de Bento XVI já podemos compreender o motivo pelo qual se faz tão necessário um processo de revigoramento da Igreja, o qual só é possível através da conversão de suas estruturas. É um deixar-se ser conduzido pelo Espírito Santo, que por Jesus foi a nós confiado, para que pudéssemos dar continuidade ao seu projeto de salvação de toda a humanidade.

Diante de toda abordagem realizada até o presente momento, podemos inferir o quanto os apelos pastorais têm avançado na vida da Igreja, contudo não é errôneo afirmar que ainda falta muito para que a ação pastoral possa ser mais eficaz. As respostas, como pudemos observar, parecem recair sobre a conversão pastoral, que por sua vez vem sendo cada vez mais abordada nos assuntos que se referem à vida da Igreja, em especial pelo pontificado do Papa Francisco. Uma Igreja em saída é uma Igreja disposta à conversão, pois quando saímos de nosso conformismo e do nosso comodismo é porque estamos dispostos a ouvir o outro, a permitir também ser mudado. Por essa razão é que Francisco insiste nessa saída da Igreja, sair de suas fronteiras, ou seja, de suas paredes, avançar para as periferias existenciais, onde se pode encontrar o Jesus que sofre, que passa fome, sede, frio e poucos são aqueles que olham para estes, sentem compaixão e dedicam-se a cuidar. É um fato que a vida para ser bem vivida, tem que ser uma vida de doação, de entrega e de encontro com o outro. Foi isso que Jesus ensinou com sua encarnação, morte e ressurreição. “De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais” (EG, 10). Com isso queremos aqui destacar que não se realiza mudança sem um permitir-se sair das seguranças, é verdadeiro mergulho no mar, onde não há como saber de modo concreto o que se encontrará. Assim é a vida pastoral na Igreja, é um mergulhar na vida do outro, na vida

da comunidade sem medo das dificuldades ou dos desafios, sempre dispostos a fazer como o Mestre ensinou.

Após essas apresentações aqui feitas, queremos, no próximo capítulo deste trabalho, argumentar sobre as causas que levam Francisco a abraçar de modo mais eficaz os apelos do Concílio Vaticano II e adotar o conceito de conversão pastoral como algo de destaque em seu pontificado, abordando suas contribuições para que tal proposta se realize. A conversão pastoral como foi aqui tratada nesse primeiro capítulo, não é algo que surge com Francisco, mas a diferença está no modo de ação, ou seja, no seu método de colocá-la em prática. Este é, portanto, o nosso empenho, descobrir qual método Francisco utiliza para que a conversão pastoral possa responder verdadeiramente às necessidades da Igreja no mundo atual.

2. UMA INSTITUIÇÃO A SERVIÇO DOS HOMENS OU DO REINO DE DEUS?

2.1 Introdução

Neste segundo capítulo abordaremos primeiramente a situação da Igreja como Instituição, que de há muito tempo e ainda hoje luta por uma manutenção que não é a do Evangelho, mas antes a manutenção do poder. A história mostra que a Igreja sempre enfrentou o problema do poder. Sempre esteve entre a preocupação com o fiel e a preocupação com a própria manutenção como instituição dotada de poder. Apresentaremos aqui, entretanto, que a crise não é apenas da Igreja, mas da sociedade em sua totalidade. Podemos observar que diante desses desafios é possível ser sinal de mudança diante de um mundo cada vez mais distante do Evangelho.

Veremos que é a compreensão das dificuldades eclesiais no momento atual que nos possibilita entender os motivos pelos quais o pontificado de Francisco propõe a conversão pastoral. Ao que nos parece, a conversão pastoral é a resposta que a Igreja pode dar para ser fiel à sua vocação e conseqüentemente lutar contra as dificuldades que estão surgindo e irão ainda surgir no decorrer da história. Contudo essa proposta só poderá ser alcançada se o caminho for pela misericórdia. Este, ao nosso ver, é o conceito chave para se entender o pontificado atual.

2.2 Uma instituição chamada à conversão.

Ao longo da história da Igreja, desde sua institucionalização, observamos várias situações as quais podemos chamar de “feridas” que ainda não estão cicatrizadas totalmente. É a partir disso que queremos abordar os desafios herdados por Francisco, a partir de sua eleição à cátedra de Pedro. São essas feridas que fazem o Papa buscar uma resposta para tais desafios e propor uma maneira para que o anúncio do Evangelho seja realizado de modo concreto.

Sabemos dos inúmeros cristãos que cada vez mais estão deixando de seguir os ensinamentos de Cristo, alguns sequer sabem o que significa viver segundo o Evangelho. A maioria dos que hoje estão adentrando à vida eclesial, à Igreja enquanto corpo místico, não sabem o motivo real pelo qual foram batizados e muito menos têm consciência da responsabilidade que assumem quando pedem o batismo para seus filhos ou afilhados. Isso talvez se deva a inúmeras razões, entre elas a falta de zelo para com a catequese, Podemos, deste modo, afirmar que a institucionalização afetou o modo de apresentar Jesus a todos, pois a Igreja ao passar pelo período da cristandade não encontrou mais motivações para um empenho fervoroso do anúncio, uma vez que a maioria das pessoas já estava cristianizada. Por essa razão

encontramos na atualidade inúmeras crises dentro da realidade eclesial marcadas pelas grandes transformações sociais, econômicas e políticas.

Com as transformações e crises da sociedade, tais como, o crescimento do mercado e com ele a ideia de mercantilização do próprio ser humano, o relativismo e o individualismo que impulsionam uma mentalidade de enclausuramento das relações, o ser humano tem se distanciado de sua própria essência relacional com Deus, com o outro e consigo mesmo. Surge com isso a necessidade de superação, apontando caminhos para uma mudança efetiva naquilo que compete à pastoral da Igreja.

A resposta para esses desafios oferece-nos o Concílio Vaticano II, quando pede a volta às fontes e o restabelecimento de uma Igreja da misericórdia e do amor.

João XXII tirava, em seguida, as consequências de um Concílio que queria ser primordialmente pastoral, até mesmo na maneira de tratar os erros modernos, com misericórdia, bondade e paciência: “A Igreja sempre se opôs a estes erros; muitas vezes até condenou com a maior severidade. Nos nossos dias, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade; julga satisfazer melhor as necessidades de hoje mostrando a validade de sua doutrina que condenando erros. [...] Sendo assim, a Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados. Ao gênero humano oprimido por tantas dificuldades, ela diz, como outrora Pedro ao pobre que lhe pedia esmola: ‘Eu não tenho nem ouro nem prata; mas dou-te aquilo que tenho: em nome do Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda’ (At 3,6). (BEOZZO, 2015, p. 14).

É um novo momento da história da Igreja no mundo, uma nova etapa a ser colocada em prática diante das dificuldades que o mundo apresenta. A grande palavra que nos é proposta, a qual já trabalhamos no primeiro capítulo, é a “conversão”. Esta parece ser então a resposta para os desafios que enfrentamos hoje, uma mudança de realidade, de pensar e de agir. A pastoral que é modo como a Igreja age no mundo deve converter-se, ou seja, modificar-se. Isso não significa deixar de ser Igreja ou perder os princípios basilares de nossa fé, mas sim resgatar aquilo que por alguma razão foi sendo colocado em segundo plano, ou melhor resgatar a pessoa mais importante nesse processo de evangelização, que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Disso entendemos que o Concílio não põe um ponto final na história, mas apenas dá abertura para um novo momento no qual a Igreja possa rever seus passos e, por caminhos diferentes, chegar a exercer a sua missão.

O Concílio não funcionou como ponto de chegada, mas como ponto de partida de uma nova consciência de Igreja. Um verdadeiro canteiro de obras. O Vaticano II não fechou um período na história da Igreja, ao contrário, abriu um novo período. Da Igreja pré-conciliar verticalista, que se movia no regime de cristandade, dificilmente poderiam surgir movimentos comunitários, dado que a Igreja se compreendia como

sociedade desigual na qual a hierarquia era a detentora da eclesialidade. O que surgiu foram grupos apostólicos cuja missão era ajudar a hierarquia na salvação das almas. Com o Vaticano II vai-se desenvolver um fenômeno comunitário na Igreja, que aparece de forma plural contendo em si comunidades mais aglutinadoras, movimentos, comunidades críticas e militantes como as CEB's na América Latina. As Comunidades Eclesiais de Base são uma concretização genuína e criativa da eclesiologia conciliar de comunhão. Nelas o crente deixa de ser um mero receptor da assistência religiosa e assume papel de cristão adulto, missionário numa Igreja que se entende Povo de Deus peregrina na história (SOUZA, 2016, p. 184).

Pois bem, como podemos ver, o Concílio Vaticano II provoca uma reviravolta no contexto eclesial, impulsionando as mudanças no decorrer da história eclesiástica, a qual culminará no presente momento com o pontificado de Francisco.

Entretanto o Papa não herda um contexto tão fácil para a sua administração. É uma situação diferente das outras nomeações, pois ele está sucedendo a um Papa que ainda vive, está diante de uma renúncia ao maior cargo dentro da hierarquia eclesiástica, fato que não acontecia há vários séculos. Bento XVI causou grande espanto a todos ao renunciar à cátedra de Pedro, deixando para Francisco um grande desafio, o de unir uma Igreja que estava às voltas com vários escândalos financeiros e sexuais. Contudo não se pode negar que eleger um Papa não europeu foi também um grande espanto para muitos membros da Igreja.

Por outro lado, não se pode deixar de assinalar a eleição de um novo papa vindo da periferia do mundo com uma mensagem de retomada da vocação para humildade e a pobreza dentro da Igreja, para um enfrentamento de sua crise moral e para uma abertura de diálogo com a sociedade moderna. (CAMURÇA, 2013, p. 118)

Com Francisco, o Vaticano II parece ganhar mais espaço, uma recepção e um método diferente. Observa-se de fato uma mudança de perspectiva, pois o Papa assume em seus gestos e palavras as propostas de uma Igreja do diálogo e da comunhão. Conforme afirma Faustino Teixeira, é um novo clima eclesial dentro da Igreja, não há mais um desejo de proteção do poder eclesial e sim um ir ao encontro do outro, e de modo específico a todos aqueles que são necessitados de ajuda, seja material ou espiritual.

Um novo clima eclesial povoa a Igreja Católica com a chegada do Papa Francisco, em março de 2013. Os analistas de diversas procedências falam num renascer da esperança, depois de décadas de uma dinâmica pontuada por traços visivelmente restauradores. Como mostrou Leonardo Boff, a presença de Francisco significou a passagem “do inverno eclesial à primavera”. Se antes vigorava a tônica da doutrina e de “volta à grande disciplina”, com o novo bispo de Roma, retoma-se o traço do bispo-pastor, que situa novamente o otimismo, a alegria e a esperança no centro da vida eclesial. É alguém, vindo do “fim do mundo”, que “trouxe esperança, alívio, alegria de viver e pensar a fé cristã. A Igreja voltou a ser um lar espiritual” (TEIXEIRA, 2013, p. 178).

É certo que Francisco reacende o espírito conciliar. Com seu modo de ser e agir ele vai aplicando um novo método teológico. O Papa sabe muito bem o que faz, suas atitudes não são

aleatórias, por mais que haja espontaneidade no seu ser, ele bem sabe que se quiser uma Igreja viva na qual as pessoas possam se encantar novamente pelo Cristo, é necessária uma mudança de atitude. Por essa razão Francisco reaviva o conceito de conversão pastoral. Ela é resposta para os grandes desafios da Igreja neste novo momento histórico. É claro que o próprio Cristo sempre convida a um retornar para si e para Deus, converter-se é olhar para suas atitudes e voltar os olhos para o Senhor. Tudo isso Francisco propõe à Igreja, com um modo diferente de seus antecessores.

O Papa Francisco não somente pratica um método, como explicita o método utilizado, na medida em que oferece definições dessa ordem em seus documentos e pronunciamentos. [...] A novidade é que tem explicitado de modo claro suas visões e opções metodológicas, além de adotar um caminho muito claro na elaboração de seus documentos. A hipótese plausível é que Francisco assume posturas metodológicas que possibilitam expor os fundamentos e os processos da reforma da Igreja por ele anunciada, convocada e encaminhada, “renovação inadiável” realizada “a partir do coração do Evangelho”. (PASSOS, 2018, p. 11).

Entretanto, sabemos que muitos são os obstáculos que uma renovação enfrenta. O medo de perder aquilo que foi conquistado se torna sempre maior do que a coragem de avançar por caminhos desconhecidos. A Igreja necessita urgentemente mudar seu método, conforme Francisco tem buscado mostrar. Faz-se necessário deixar de lado uma estrutura que não favoreça a evangelização, ou seja, uma estrutura centralizadora. Assim sendo, o papa busca mostrar que o caminho da evangelização é a partir do encontro com o outro. É no processo de encontro e escuta, de acolhimento da realidade do outro que o Evangelho frutifica. Com isso Francisco nos propõe uma teologia a partir da realidade do povo. A Igreja precisa reconhecer que a resposta está, em sua totalidade, no povo de Deus, que é toda a Igreja. Deve levar em conta as particularidades de cada povo, sua cultura, seu modo de viver e pensar, e a partir disto traçar planos de ação para a evangelização. Um mecanismo de evangelização que não leve em conta as características de cada povo, não há como dar certo. Sair da centralização da Instituição pode ser o caminho necessário para uma renovação. Uma mudança de perspectivas para as ações pastorais por meio das quais a Igreja se torne aquela que vai até o fiel e não fique mais esperando-o em seus muros.

A Igreja católica permanece uma Instituição extremamente centralizadora, e hoje de modo particularmente agudo [...]. Suas estruturas são pesadas tanto em referência à doutrina (dogmas), quanto à liturgia e a organização funcional. Assim, ela não mostra flexibilidade suficiente para responder com rapidez às múltiplas demandas pastorais do cambiante mundo moderno. (BOFF, 1996. p. 128).

Como afirma Clodovis Boff, a permanência da Igreja nesse sistema centralizador está fazendo com que cada vez mais os fiéis se afastem dela. O projeto de evangelização não está

sendo mais algo atrativo para as pessoas, como o fora no início com Jesus. Ele, com seu modo de ser e agir, encantava as pessoas e todos que o ouviam queriam estar próximos dele. Podemos perguntar, será que hoje as pessoas nutrem pela Igreja os mesmos sentimentos que aqueles que ouviam Jesus nutriam por Ele? A Igreja é o sacramento de salvação, pois é o sinal daquele que é a salvação, Jesus Cristo. Por essa razão a Igreja precisa trilhar os mesmos passos de Jesus se quiser ser de fato fiel a seu projeto.

2.3 As formas de manutenção da Instituição.

No momento atual vivemos dentro de uma sociedade diversa, onde o subjetivismo e o individualismo tomam conta de todo campo social, inclusive o da Igreja. A preocupação maior dos membros da Igreja, principalmente daqueles que estão à frente, sejam eles bispos ou sacerdotes, parece-nos ser o poder. É verdade que muitos dos que ainda não aceitam as propostas do Concílio Vaticano II e as de Francisco, não as aceitam por medo de perderem seus “status” e o poder que detêm sobre o povo. Alguns ainda têm dificuldade em compreender que a dimensão primeira do sacerdócio é o serviço, é o entregar-se pelo outro assim como Cristo fez por nós.

Jesus simples, pobre, o carpinteiro de Nazaré, não deixou que o poder, o seu ser filho de Deus lhe afastasse dos seus discípulos e do povo. A Igreja deve voltar a esta simplicidade absoluta se quer de novo conquistar não as inteligências, mas sim o coração da humanidade, aparentemente desejosa de luxo e de aparência, mas no mais íntimo de si precisa de pobreza e de simplicidade. (PATRÍCIO, 2007, p. 68)

É nesse campo que Francisco busca apresentar caminhos para que possamos enquanto Igreja dar respostas concretas ao chamado de Jesus no processo de evangelização em prol de uma sociedade cada vez mais humana. Contudo, como já destacamos anteriormente, o Papa enfrenta várias dificuldades, haja vista que a maior de todas será romper com a ideia de uma Igreja doutrinadora e estabelecer um caminho educativo a partir da fé na pessoa de Jesus. É um caminho doloroso, mas necessário. A Igreja precisa percorrer esse caminho reconhecendo que muito dos problemas que hoje ela enfrenta são responsabilidade dela mesma.

A autoridade e o magistério ordinário da Igreja se equivocaram bastante vezes. Além disso, se equivocaram em assuntos importantes, em relação aos quais as posições contrárias parecem hoje mais evidentes. Outras vezes se equivocaram apesar de linguagens e palavras muito solenes com as quais tratavam de exprimir sua convicção e a força de seus ensinamentos. E, finalmente, se equivocaram com mais aparato e mais frequência nos últimos dois séculos. (GONZALEZ FAUS, 1998, p. 197)

Percorrer esse caminho será umas das propostas de Francisco, uma vez que ele deseja uma Igreja mais próxima de seus filhos e filhas, em especial daqueles que mais necessitam. Ele quer uma Instituição que não esteja preocupada em se manter no poder diante da sociedade,

mas que seja sinal de serviço e entrega para aqueles que precisam de cuidado. Para que isso aconteça, é fundamental um retorno às origens, ou seja, àquilo que impulsionou o surgimento da Igreja, isto é, o encontro com a pessoa de Jesus, suas palavras e suas ações. Não há como realizar uma conversão pastoral sem que a pessoa de Cristo esteja no centro. É Ele quem conduz e orienta seu corpo que é a Igreja, Ele é o princípio e o fim. É nEle que tudo se origina e é para Ele que tudo deve voltar.

É apoiando-se no seguimento de Jesus que Francisco vai propor a conversão pastoral, tendo como o objetivo dar resposta às dificuldades que a sociedade apresenta no momento atual de nossa história cristã. Inclusive ele propõe a mudança de dentro para fora, iniciando a partir do magistério da Igreja, pois percebe que os sacerdotes cada vez mais têm se distanciado do povo, deixando problemas mais importantes de lado. Suas preocupações são muitas vezes com festas, vestes e poder. Carecem de preocupação para com a sociedade e para com aqueles que estão sendo deixados às margens. João Batista Libânio, nos ajuda a compreender o tipo de sacerdote que o mundo está conhecendo hoje:

Já não será o sacerdote piedoso, trajando batina surrada, das cidades do interior. Será um clero que cuidará dos pormenores de sua túnica, que usará a alta tecnologia de som em seus sermões, que recorrerá aos recursos teatrais e musicais sofisticados. Repetir-se-ão cenas que hoje se veem de sacerdotes de “batina prateada”. Desse cenário futuro, vale o que o sociólogo de Campinas afirma a respeito da “sacralização pós-moderna”, que consiste “numa combinação de um discurso mágico-fundamentalista (apologético) com os recursos mercadológicos da comunicação de massa”.

O sacerdote do encontro pessoal com os fiéis, do convívio inserido no meio do povo, da vida simples e igual a seus irmãos será minoritário e menos prestigiado. Gozará de pouca legitimação, estará fadado a desaparecer, se não conseguir unir-se. (LIBÂNIO, 1999, p. 35).

Percebe-se que quando a Igreja prioriza a sua autorreferencialidade e os mecanismos de autopreservação, o processo de crescimento no espírito do Evangelho torna-se mais difícil de ser alcançado. A Igreja precisa, deste modo, enfrentar os problemas que dificultam seu processo de saída ao encontro do outro e renovar a si mesma com ímpeto evangélico. Libânio afirma que a teologia receberá grande influência e pressão da Instituição. Não poucos teólogos foram chamados a Roma para serem admoestados a rever suas reflexões.

A teologia receberá forte pressão da Instituição. Uma teologia oficial comandará o registro teológico de tal maneira que, quanto mais uma teologia se afastar dele, mais coerção sofrerá. As duas teologias mais atingidas serão a liberal europeia e a da libertação do Terceiro Mundo. Ambas se situam num espaço hermenêutico mais livre e menos estruturado. (LIBÂNIO, 1999, p. 18).

Parece – nos que assim a liberdade fica condicionada a um modo de pensar, o que poderíamos supor que poderia a Instituição incorrer em erro, uma vez que estaria de algum

modo condicionando as reflexões e por sua vez o próprio Espírito Santo que sopra onde quer. Não que a Igreja enquanto Instituição não deva orientar aquilo que compete ao campo do ensino, mas deve fazê-lo levando em consideração a realidade do outro, permitindo deste modo o crescimento de ambos.

Nos campos da exegese e catequese as influências são tais e quais no âmbito teológico. O objetivo da manutenção tem levado a Instituição a um controle sobre o modo como, nestes campos, os cristãos se relacionam com o mundo. A exegese encontrará liberdade apenas relativa enquanto a reflexão se mantiver no campo estritamente científico, mas ao entrar no espaço popular sofrerá tão logo restrições. Com a catequese busca-se a criação de um modelo próprio para toda a Instituição, contudo a questão de cunho fundamental permanecerá sendo a do campo doutrinal.

O mesmo controle se fará sobre a exegese. Enquanto ela permanecer no mundo das publicações estritamente científicas, gozará de relativa liberdade. Mas, no momento em que entrar no espaço popular, padecerá mais restrições. [...] a catequese é ponto delicado na manutenção da Instituição. [...] nesse cenário, a doutrina continuará recebendo um cuidado especial, em particular no que se refere a formação do fiel comum e dos futuros ministros. A unidade doutrinal se porá a serviço da unidade institucional. E o catecismo único cumprirá tal função. (LIBÂNIO, 1999, p. 21-23).

No âmbito da liturgia será o mesmo processo, sempre haverá condicionamentos, excluindo qualquer tipo de liberdade ou criatividade. “Já não se considerará a liturgia espaço de experiência e criatividade, mas de sedimentação das conquistas julgadas validas pelas instancias oficiais” (LIBÂNIO, 1999, p. 24).

Para Libânio, é necessário buscar caminhos para uma Igreja que possa sair de dentro de si mesma, e reconhecer as diversidades de dons que podem ser encontrados quando se permite ouvir o Espírito que impulsiona cada cultura. Não significa perder a identidade, mas integrá-la na realidade de cada situação cultural.

Outra dificuldade apresentada por Libânio é do grande alvorecer de vários movimentos eclesiais. Alguns ajudarão a manter os “pilares da fé”, outros podem ter relações cismáticas por seu modo de reflexão que muitas vezes se distancia da comunhão com a Igreja. Esses movimentos eclesiais vão crescendo à medida que, “a sociedade pós-moderna incentiva a experiência subjetiva, emocional, individual. Sua tendência será romper os limites da Instituição” (LIBÂNIO, 1999, p. 25). Com isso os movimentos irão tomando parte de algumas dessas características, o que por sua vez pode prejudicar a organização eclesial, favorecendo um subjetivismo religioso. É um fato para nós que a sociedade de hoje mercantilizou a religião,

e com isso as pessoas buscam cada vez mais a religião que satisfaça suas necessidades individuais.

A Igreja institucional está sofrendo sangria por conta da sedução de novas experiências religiosas oferecidas por movimentos e denominações religiosas. Uns brotam no interior do cristianismo sob a forma fundamentalista ou carismática. Outros remontam a religiões orientais. Outros, ainda, visam potencializar e desenvolver ao máxima as capacidades humanas pela meditação transcendental, práticas ascéticas, exercícios psíquicos, expressões corporais, danças, ginásticas, técnicas de autoconsciência e de desbloqueio de inibições... São grupos dos mais diversos tipos. Um quarto grupo de movimentos centra-se em torno de algum líder carismático e autoritário, dotado de forte poder sobre seus adeptos, que as vezes chega ao extremo de despotismo (LIBÂNIO, 1999, p. 26).

Isto posto, podemos observar que a Instituição terá que enfrentar essas dificuldades que por sua vez podem influenciá-la para um fechamento em si mesma. A tendência será rejeitar ou ainda buscar meios de sufocar tais movimentos. Com esse método não se agregará nada e apenas se criarão distanciamentos. Fatalmente será vital para a Instituição apropriar-se desses movimentos e com eles aprender caminhos para diálogo. Tais desafios serão enfrentados pelo Pontificado de Francisco, que buscará o caminho da escuta e do diálogo para compreender tais avanços dentro da Igreja e da sociedade e com eles buscar soluções para dar respostas ao Senhor que nos chama à evangelização.

2.4 Os diversos modelos de pastoral.

Francisco ainda terá que dialogar com os diversos modelos de pastoral que ao longo dos tempos foram se formando na vida da Igreja. Algumas características já apresentamos anteriormente, mas agora destacamos com maior ênfase os motivos pelos quais se faz urgente essa conversão pastoral que é a resposta para as dificuldades que a Igreja hoje enfrenta. É natural que a Igreja esteja em crise, uma vez que o mundo se encontra desta maneira. A modernidade trouxe grandes benefícios à humanidade assim como males e uma vez que a Igreja está no mundo, ela recebe dele as aspirações boas e ruins. Com isso criam-se dentro dos campos pastorais vários modos de interpretar os caminhos para a evangelização que em sua maioria são positivos, mas infelizmente algumas não contribuem para que a proposta de aggiornamento do Vaticano II possa ser vivido no ambiente eclesial. Estamos imersos em várias crises de sentido e de identidade que afetam todos os ambientes sociais e inclusive o eclesial.

Às vezes, quiséramos ignorar, mas não há como negar. Sobram evidências de que estamos imersos em um tempo marcado por profundas transformações. E, praticamente, como elas atingem todas as esferas da vida social, mergulham-nos em um tempo de crise: crise de paradigmas e das utopias, das ciências e da razão, dos metarrelatos e das instituições, crise de identidade, das religiões, de valores, crise de sentido. É um tempo incômodo, pois está permeado de incertezas e angústias, mais

tendente à criatividade do que ao plágio ou ao agarrar-se a velhas seguranças de um passado sem retorno. (BRIGHENTI, 2015, n. 302).

É em razão dessas crises de sentido que surgirão as diversas formas de evangelização que podem contribuir ou não para esse processo. Examinar esses modelos é essencial para realizar uma mudança de perspectiva pastoral, a qual contribua para que o fiel se aproxime a partir do amor e não pelo medo.

Agenor Brighenti, destaca quatro tipos de pastorais ainda vigentes no momento atual da Igreja. As pastorais: da conservação, apologética, secularista e liberacionista. Esses modelos pastorais são incompatíveis com a atual realidade da Igreja, pois eles não contribuem para uma conversão pastoral. Superar esses modelos será tarefa da Igreja proposta por Francisco.

A pastoral da conservação pressupõe o modelo da cristandade, não leva em conta as mudanças ocorridas na sociedade, e menos ainda as propostas do Vaticano II. Esse modelo de pastoral está à margem da sociedade atual, funcionando como que de forma imune à renovação do Vaticano II, desconhecendo a modernidade, bem como a crise da modernidade e o processo de mudanças em curso” (BRIGHENTI, 2015).

A pastoral apologética, assume a ideia de uma defesa da fé que já foi deixada para o passado com o Concílio. Nesse campo destacam-se as reflexões fundamentalistas e tradicionalistas que pouco colaboram com o diálogo e o serviço, que são pressupostos básicos do Vaticano II. Nesse modelo se “assume a defesa da instituição católica diante de uma sociedade anticlerical e a guarda das verdades da fé em face de uma razão secularizante, que não reconhece senão o que pode ser comprovado pelas ciências” (BRIGHENTI, 2015).

A pastoral secularista corrobora a ideia de mercantilização da religião. Uma religião aos “meus moldes”. É a pastoral que se preocupa em dar respostas às necessidades materiais e existências das pessoas, pregando uma ideia de uma teologia da prosperidade, onde Deus se torna objeto das necessidades pessoais.

A pastoral secularista propõe-se responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria, no contexto atual, órfãs de sociedade e de Igreja. É integrada por pessoas desencantadas com as promessas da modernidade, por “pós-modernos” em crise de identidade, pessoas machucadas, desesperançadas, em busca de autoajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. Em suas fileiras, estão pessoas que querem ser felizes hoje, buscando solução para seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatistas. Nesses meios, há um encolhimento da utopia no momentâneo, desafiando as instituições a fazer o presente tocar o fim, ou da intra-história, lugar de antecipação daquilo que se espera em plenitude na meta-história. (BRIGHENTI, 2015).

A pastoral liberacionista, encantada com a modernidade, priorizará o meio social. Pastoral é atuação social, pouca importância se dará às esferas de cunho mais espiritual, contribuindo para um ideal de Igreja associada no âmbito mais imanente e menos transcendente. Recusa as mudanças, compreendendo-as como algo negativo. É a pastoral que contribuirá para que muitos clérigos caiam no ativismo, que priorizará a práxis em sua maior parte.

[...] Qualquer mudança é retrocesso. Deixam-se em segundo plano as questões mais ligadas à esfera da pessoa, da subjetividade, à realização pessoal, à autonomia, à dimensão sabática da existência, à experiência pessoal do sagrado, tidas como preocupações burguesas. Pastoral é, sobretudo, pastoral social, em estreita relação com as lutas sociais e em parceria com os segmentos da sociedade civil, empenhados na conquista das causas populares, com as mesmas mediações de sempre. O outro continua sendo visto como mero imperativo ético, mais instância de expiação do que de gratuidade, mais “mesmidade” do que alteridade. Mudar as mediações é perder os ideais. (BRIGHENTI, 2015).

Isto posto, temos diante de nós diversas razões para que possamos compreender a necessidade de uma conversão pastoral e os motivos pelos quais Francisco tanto frisa em seus discursos a necessidade de uma mudança verdadeira que deve ocorrer de dentro para fora, ou seja, deve iniciar a partir de dentro da Igreja, em seus ministros. Se não houver uma mudança de mentalidade nos que estão à frente da Igreja, pouco se deve esperar dos que estão à mercê das ideias destes. Mas a partir de onde podemos iniciar a conversão pastoral? Quais caminhos seguir? Cada vez mais, parece que fica mais claro que o caminho é a partir da misericórdia, pois não haverá alegria como veremos adiante se não experimentarmos a misericórdia de Deus.

2.5 *Evangelii Gaudium*: uma proposta de conversão.

Um das obras mais expressivas de Francisco, no que tange à proposta de conversão pastoral é a Exortação *Evangelii Gaudium*, na qual aborda um conteúdo sobre o anúncio do Evangelho no mundo. O pontífice destaca a necessidade de transformação missionária da Igreja, pois como bem vimos até agora, as dificuldades são inúmeras. Mudar o modo de se relacionar com o mundo é que pode, segundo a Exortação, fazer da Igreja um lugar mais acolhedor e fraterno, onde as pessoas se sintam amadas e cuidadas. Francisco destaca que uma Igreja que não se entrega pelo outro, não responde ao chamado de Cristo, pois Jesus sempre fez questão de mostrar que sua vida era para o outro e não para si mesmo. É a partir da pessoa de Jesus que o Pontificado de Francisco será permeado, não é apenas uma ideia, mas um modo de viver, pois

[...] os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais. Quando a Igreja apela ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: “aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: ‘A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros’. Isto é, definitivamente, a missão. (EG, 10).

Com sua reflexão e seu modo de ser, Francisco vai demonstrando o tipo de Igreja que ele espera com seu Pontificado. Ele não deseja uma Igreja toda ornamentada e de uma opulência visível, mas sim uma Igreja próxima dos mais necessitados. De fato, Francisco remete à necessidade da verdadeira mudança, de uma concreta conversão pastoral. Não deseja que a proposta de conversão pastoral fique no superficial, mas anseia por uma instituição preocupada em promover a fé, em promover o amor e a misericórdia. Francisco compreende que “a Igreja, guiada pelo Evangelho da misericórdia e por amor aos homens, ouve o clamor por justiça e pretende responder-lhe com todas as suas forças” (EG, 188). Pois dentro de um mundo que experimenta uma exacerbada indiferença ao ser humano, “a alegria de viver muitas vezes desaparece, a falta de respeito pelos outros e a violência aumentam, e a desigualdade é cada vez mais evidente” (EG, 52). Com isso, é urgente que a Igreja, respondendo ao seu chamado, possa ser o sinal da salvação para todos os povos.

As pessoas que vêm à Igreja esperam encontrar dentro dela uma palavra amiga, um conforto, um acolhimento. Elas anseiam por cuidados, que muitas vezes não recebem por meio daqueles que estão ali para fazer apenas isso. Quantas são as vezes que uma pessoa encontra um sacerdote ou um consagrado, mas não se sentem acolhidas. Deveria trazer preocupação o fato de pessoas se encontrarem com cristãos e não sentirem a alegria que é expressão basilar daqueles que fizeram um encontro com Cristo. Jamais uma pessoa que fez uma experiência concreta com Cristo continuará sendo a mesma, por isso a alegria deve ser a expressão de maior destaque entre aqueles que se tornaram discípulos do Divino Mestre.

[...] Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, «a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo (EG,10).

Quando o evangelizador pauta sua vida pela alegria do Evangelho, sua vida se torna muito mais leve. É uma vida vivida com leveza, com tranquilidade e nada perturba o coração daquele que confia no Senhor. Quantos são os membros de nossas comunidades que vivem um luto sem fim e não se abrem para viver de modo mais alegre. “Há cristãos cujas vidas parecem uma Quaresma sem Páscoa” (EG, 6). Isso tudo pelo fato de enxergar Deus de um modo totalmente diferente do que ele é. E, claro, como bem observamos anteriormente, pelas crises que ocorrem dentro da sociedade e da Igreja. E pelo fato de que, muitos que deveriam ser os representantes da misericórdia de Deus, são muitas vezes os que mais levam as pessoas a se

sentirem culpadas por suas faltas. O sentimento de culpa é algo que não deve ser alimentado dentro do ambiente eclesial, pois Deus não chama ninguém a se sentir culpado, mas sim ao arrependimento. Arrepende-se é diferente de sentir culpa, pois o primeiro gera mudança e o segundo estagnação. Apenas é impulsionado à mudança aquele que se arrepende e não aquele que sente culpa. Recorramos sempre à misericórdia de Deus, pois seu rosto é misericordioso e não há outro caminho melhor para uma transformação na Igreja, se este (caminho) não for a partir da misericórdia. Como bem lembra Francisco, é preciso alegrar-se, pois a misericórdia do Senhor nunca cessará, nunca faltará,

[...] Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados. Compreendo as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades que têm de suportar, mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias: «A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade (...). Isto, porém, guardo no meu coração; por isso, mantenho a esperança. É que a misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão. Cada manhã ela se renova; é grande a tua fidelidade. (...) Bom é esperar em silêncio a salvação do Senhor (EG, 6).

A partir dessa alegria que brota de um coração que encontrou a Deus, os cristãos são convidados a colocar-se em caminho de discipulado. É preciso seguir o mestre tornando-se um com Ele. Com isso Francisco convida toda a Igreja a sair de si mesma, a superar os seus muros, não ser mais uma Igreja que espera seus filhos e filhas irem ao seu encontro, mas antes, colocar-se como aquela que tem a iniciativa primeira de ir ao encontro dos que mais necessitam de seu acompanhamento. Uma Igreja que se envolva com as dores dos seus, compartilhe dos mesmos sentimentos, pois deve ser como aquele que “viu e sentiu compaixão” (Lc, 10, 33). Por isso a Igreja é chamada a acompanhar os seus e deles cuidar. Não é apenas pela salvação da alma, mas pela salvação integral de todo homem que a Igreja deve se preocupar. Por essa razão os sofrimentos físicos, sejam eles quais forem e tendo sido causados pelos mais diversos tipos de fatores, devem ser a serem sanados pela Igreja. Pois quando um dos seus está doente ou sente dor, é toda a Igreja que sofre. A Igreja é ainda chamada a esperar e colher os frutos de sua missão, mesmo quando os desafios são grandes, ela deve saber esperar e pacientemente acolher os frutos que são advindos de sua vocação. Não há espaço para desistir da missão para aquele que a entende como chamado de Deus. E, claro, toda a Igreja é chamada a alegrar-se, a festejar com cada vitória nesse processo evangelizador, que é o projeto de Jesus. Tudo isso que aqui elencamos, os verbos: primeirar, envolver, acompanhar, frutificar e festejar, são os verbos utilizados pelo Papa ao convidar a Igreja a sair, a tornar-se uma comunidade em saída. E tudo

isso apenas pode acontecer, quando se experimenta a misericórdia de Deus, como bem podemos observar nas palavras de Francisco:

A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe «envolver-se». Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar». Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações. Fiel ao dom do Senhor, sabe também «frutificar». A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora. Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. (EG, 24).

Diante do que até agora foi exposto, observa-se que o conceito que permeia todo o trabalho de Francisco, seus discursos e documentos, é a misericórdia. Percebemos assim que sua proposta de mudança da Igreja e do modo de agir deve partir da misericórdia, que para ele é a maior das virtudes. Citando Tomás de Aquino, afirma que “Em si a misericórdia é a maior das virtudes, pois todas as outras giram em torno dela [...]” (EG, 37). Deste modo, Francisco vai propondo então que, se quisermos alcançar verdadeiramente a proposta de Jesus, o caminho precisa ser, indubitavelmente, a misericórdia.

Tendo em vista a misericórdia como princípio básico, a Igreja é convidada a avançar em suas fronteiras, não permitindo que o medo faça com que se aprisione em si mesma. Não se pode ter medo de evangelizar, é necessário reconhecer os erros passados, reconhecer que hoje é fundamental uma comunidade que não se limite aos discursos e às leis, mas que busque sair ao encontro do diálogo com o outro e com Deus. Esses discursos passados, juntamente com as

leis foram respostas da Igreja em um determinado tempo da história, entretanto hoje eles não são tão essenciais como foram um dia.

Podem até ser belos, mas agora não prestam o mesmo serviço à transmissão do Evangelho. Não tenhamos medo de os rever! Da mesma forma, há normas ou preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa como canais de vida. São Tomás de Aquino sublinhava que os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus «são pouquíssimos». E, citando Santo Agostinho, observava que os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja se devem exigir com moderação, «para não tornar pesada a vida aos fiéis» nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando «a misericórdia de Deus quis que fosse livre». Esta advertência, feita há vários séculos, tem uma atualidade tremenda. Deveria ser um dos critérios a considerar, quando se pensa numa reforma da Igreja e da sua pregação que permita realmente chegar a todos (EG, 43).

É salutífero que a Igreja retorne não a princípios que a afastaram de seu rebanho, mas aos princípios que a formaram. Quando a centralidade é Jesus Cristo, o modo de agir consequentemente é a partir da misericórdia. Assim, quando um penitente busca o sacramento da reconciliação, requer para si algo que lhe dê forças e coragem para seguir a diante. Desta maneira aquele que busca o consolo da mãe Igreja deve encontrar nela um colo acolhedor, do qual ele saia melhor do que quando chegou. Em vista disso é que Francisco orienta para que nossos confessionários sejam verdadeiros hospitais de campanha, de onde as pessoas saiam curadas e não feridas ainda mais.

Aos sacerdotes, lembro que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor que nos incentiva a praticar o bem possível. Um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades. A todos deve chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas. (EG, 43).

“É para liberdade que Cristo nos libertou” (Gl, 5,1), eis aí o motivo pela qual somos chamados a sermos misericordiosos. Deus nos liberta de modo totalmente gratuito, não exige de nós nada, mas nos oferece uma nova vida. Nos oferece a salvação e nos convida a sermos colaboradores em seu projeto de amor. Porque a misericórdia é indispensável para toda a Igreja está a se propor uma verdadeira e digna conversão pastoral. Não existe outro caminho para se chegar a uma verdadeira conversão se não for pela misericórdia que, para Francisco, não é apenas um conceito, mas é a chave do Céu.

[...]Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de

Deus» (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40). (EG, 197).

Portanto, o que podemos concluir é que sem misericórdia, todo nosso trabalho pastoral perderia o sentido. Se não for pelo amor, seja o que fizermos, por melhor que possa parecer ser, ainda assim não será suficiente para darmos respostas ao convite de Jesus. Não nos deixemos perder em nossas ações pastorais. Se queremos realizar uma conversão pastoral que responda aos desafios da sociedade de hoje, não temos como fugir da maior virtude de todas que é a misericórdia. Que cada palavra e cada ação de nossa parte seja para que levemos sem medo esse amor de Deus para todos, sem distinção. Que ao olhar aquele que está à margem da sociedade, lembremos que ele é Jesus, que foi também colocado à margem da sociedade em sua época e levado à morte simplesmente por amar demais. Queiramos também nós amar como Ele amou, a fim de que possamos ser luz entre os povos, ser sinal fervoroso desse amor que emana do lado aberto de Jesus na Cruz.

3. A MISERICÓRDIA: UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL.

3.1 Introdução.

Neste terceiro capítulo buscaremos abordar os gestos e palavras do Papa Francisco na proposta para uma conversão pastoral. Francisco tem se destacado pelo seu modo diferente de agir em relação aos seus antecessores. Queremos aqui demonstrar que suas atitudes e palavras estão sempre conectadas e que sua recomendação de abraçar o caminho da misericórdia é que nos tornará mais próximos do Evangelho e fiéis ao chamado de Deus. Num primeiro momento destacaremos sua contribuição a partir da Exortação *Evangelii Gaudium*, mostrando o desejo de uma Igreja em saída. Em seguida apontaremos algumas de suas atitudes concretas, tais como a viagem à Ilha de Lampedusa, a promoção do Ano Jubilar da Misericórdia (2015-2016), a abertura de uma lavanderia para os pobres e moradores de rua na cidade de Roma, o seu beijo nos pés dos líderes do Sudão do Sul e sua viagem ao Iraque.

Com esses exemplos demonstraremos como Francisco aponta a misericórdia como caminho para uma conversão pastoral, que por sua vez é uma necessidade urgente para toda a Igreja.

3.2 O Papa da misericórdia: uma proposta de mudança.

O Papa Francisco não é um líder apenas de discursos belos e eloquentes, mas é antes um homem de atitudes práticas. Com seu jeito simples e descontraído demonstra a todos a necessidade da Igreja em saída, a qual é motivo de tantos discursos. Francisco compreende que a proposta do Evangelho nos coloca numa condição dinâmica em que somos convidados a um movimento em direção ao outro. A proposta do Evangelho é de que sejamos uma comunidade missionária, não presa em si mesma. A Igreja necessita, deste modo, compreender que sua missão é a de seguimento, ou seja, de continuar os passos de Jesus, que não se limitava a ficar parado ou estagnado em sua casa ou cidade, mas sempre estava em um movimento de encontro com o próximo.

Todos aqueles que fazem a experiência do amor de Deus, não a guardam para si mesmos, mas antes buscam levar esse amor para todos aqueles aos quais seja possível. “Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?” (EG, 8). A experiência autêntica de Cristo é algo que cria nos corações um dinamismo missionário, pois imprime na pessoa uma sensibilidade maior ao sofrimento alheio. Sendo assim, não existe experiência verdadeira se essa não nos leva a uma saída de nós mesmos.

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: «O amor de Cristo nos absorve completamente» (2 Cor 5, 14); «ai de mim, se eu não evangelizar!» (1 Cor 9, 16), (EG, 9).

A missão da Igreja é levar esse amor que recebeu de Deus, por intermédio de seu filho Jesus Cristo. Francisco entende bem essa dinâmica, compreende que não é o fato de ser Papa que o impele a evangelizar, mas antes o fato de ser cristão e ter se tornando membro da família da Cristo. Nossa esperança em uma Igreja missionária e disposta a ir ao encontro do outro está em Deus que sempre está atento ao sofrimento dos seres humanos.

Quando começamos a ler as sagradas escrituras, logo em seu início, percebemos que Deus cria o homem e mulher à sua imagem e semelhança. E a partir desta criação, mesmo após o homem em seu egoísmo pecar contra Deus, Este não o abandona. Sinal claro disto é o relato do livro de Êxodo: um Deus que escuta o clamor de seu povo, que está atento ao sofrimento de sua criação. O grito é ouvido e atendido. Deus vai libertar seu povo da escravidão do Egito. O grito torna-se assim o caminho mais próximo para se chegar até o Senhor, a razão disto vemos ao ler J.B. Libanio.

O grito é o cruzamento de duas experiências fundamentais. De um lado, o povo sente-se oprimido, submetido a terrível situação de injustiça e de opressão. É a expressão de um coração dilacerado pelo sofrimento advindo de uma situação global, doutro lado, este mesmo povo tem uma consciência experiencial de sua dignidade, de não ser um animal acuado, mas “criado a imagem e semelhança de Deus”. Do encontro dessa dupla experiência, brota da garganta o clamor, o grito de protesto. É um grito ético e religioso. Ético, porque surge da compreensão da sua própria dignidade violada. Religioso, porque se dirige, não ao silêncio dos abismos, mas a pessoa de um Deus que pode libertar (LIBANIO, 1994, p.78).

Deus escuta o clamor de seu povo e com eles faz-se presente, mas Ele não o faz sozinho. A ajuda do ser humano é essencial para que esse projeto de amor se concretize. Francisco compreende o seu papel como continuador do amor de Deus e colaborador em seu projeto e, com seus gestos e palavras, busca mostrar que todos nós somos chamados para a participação na criação do Reino de Deus já aqui nesta terra.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, Francisco destaca a necessidade dessa Igreja em saída, que passou a ser cada vez mais necessária para o anúncio do Evangelho. Sabemos que a proposta de conversão pastoral já elucidada pelo Concílio Vaticano II, tornou-se uma necessidade para a Igreja em todos os aspectos. Nossas comunidades estão necessitadas de um novo ardor missionário, o qual implique levar o amor como fundamento de todo processo de

missão. Mas esse desafio de apresentar o rosto misericordioso de Deus é de toda a Igreja, não somente de seus bispos ou sacerdotes, mas todos os membros deste corpo configurados a Cristo são impelidos anunciar esse amor. Toda a proposta de Cristo se expande a partir de seu corpo que é a Igreja, povo de Deus unido em comunidade. Uma vez configurados a Ele, todo o povo é sepultado e ressuscitado Nele, “todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles. Por isso, somos assumidos nos mistérios da Sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele” (LG, 7). E assim, com Ele continuamos a missão que Lhe foi confiada, que é fazer com que todos conheçam o amor de Deus pela humanidade. A partir disso compreendemos que sair de si mesmo, nos colocarmos em saída, é uma questão fundamental da vida eclesial, pois está na essência do ser cristão.

Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: «Vai; Eu te envio» (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar» (Jr 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (EG, 20).

Essa saída ao encontro do outro nos transforma e nos edifica, e por isso não podemos nos acomodar diante do sofrimento, é necessário sentir compaixão. Muitas vezes temos a tentação de ficarmos estagnados em nossos afazeres apenas de caráter litúrgico ou devocional, não buscamos ir além das fronteiras do rito e por isso corremos o risco de criar uma Igreja fechada e de pouco acesso principalmente para aqueles que mais necessitam dela. Quantos são os membros de nossas comunidades que se acomodam em suas capelas e não buscam ir ao encontro da fragilidade de tantos outros que não estão ali reunidos?

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo (EG, 270).

Contudo é importante destacar que esse encontro com o outro não é apenas um discurso bonito, mas necessita de uma ação que transforme não só a vida espiritual, mas a vida em sua totalidade. Queremos assim expor que é preciso cuidar das feridas que a sociedade tem deixado em nossos irmãos e irmãs. Quantas são as pessoas que tem sofrido com a falta de alimento e

moradia, sofrimentos causados pelo descaso daqueles que poderiam fazer algo, e muitas vezes esse alguém que poderia ter feito algo, somos nós mesmos?

Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. Todas as vezes que alguém volta a descobri-lo, convence-se de que é isso mesmo o que os outros precisam, embora não o saibam: «Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que eu vos anuncio» (Atos-17, 23). Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno (EG, 265).

A proposta que Francisco destaca para uma conversão pastoral é não nos afastarmos do amor de Deus, o que impulsiona a não nos afastarmos do amor ao próximo. A misericórdia que é a essência daquele que ama, é algo constitutivo de Deus, podendo caracterizar “a misericórdia como maior e mais elevado atributo de Deus, destacando-a como a perfeição divina, por antonomásia” (KASPER, 2015). O Deus da misericórdia, que é apresentado por Jesus, é o Deus do encontro e do diálogo. Deus que sempre toma a iniciativa. Ele é quem vem ao nosso encontro. Deste modo o ser humano é convidado a colocar-se no mesmo caminho de encontro, pois é nesse processo de encontro com o outro que ele se torna mais próximo de Deus. Não existe outro meio mais acessível para estar perto de Deus, do que estar próximo da humanidade.

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, a ponto de se dizer, de quem não ama o irmão, que «está nas trevas e nas trevas caminha» (1 Jo 2, 11), «permanece na morte» (1 Jo 3, 14) e «não chegou a conhecer a Deus» (1 Jo 4, 8). Bento XVI disse que «fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus» e que o amor é fundamentalmente a única luz que «ilumina incessantemente um mundo às escuras e nos dá a coragem de viver e agir». Portanto, quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários (EG, 272).

Assim sendo, o encontro com o outro não transforma a vida somente dele, mas também a nossa. Todo esse processo é fundamental para o crescimento não só espiritual, mas crescimento humano de todos os envolvidos. Uma Igreja que sai de si mesma e busca aproximar-se dos que necessitam, está a edificar-se. E como destaca Martim Buber, é no encontro com o tu (outro), que me torno eu mesmo.

O homem se torna EU na relação com o TU. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos da relação de condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece e aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o TU, como consciência gradativa daquilo que tende para o Tu sem ser ainda TU. Mas, essa consciência do Eu emerge como força

crescente, até que, um dado momento, a ligação se desfaz e o próprio EU se encontra... (BUBER, 1977, p. 32).

Nesse sentido Francisco põe em destaque a proposta de Cristo, a qual é de aproximar-se do outro a partir da misericórdia, é o amor a energia fundante do espírito missionário. Nossas relações não devem ser pautadas por meros interesses pessoais. Quantas vezes nos relacionamos com alguém movidos por interesse em algo que a pessoa possa agregar em nossa vida, mas quando esta não pode ou não tem mais o que nos dar, a descartamos como qualquer objeto. As ações daqueles que se colocam no seguimento de Cristo não devem ser assim. A proposta é sempre mantermos firme o desejo de ir ao encontro do outro e com ele fazer-se pessoa humana. É na relação de saída, que vamos nos tornando mais humanos, sem isso seremos apenas algo, objetos postos no mundo sem sentido algum. Não somos pedras, mas somos carne, e por isso nos relacionamos, numa relação de vida, de liberdade, de justiça e caridade.

[...] O homem só é homem na medida em que comunga com o diferente dele. Quanto mais sair de si, fizer a experiência abraâmica e se relacionar com o outro, tanto mais pessoa se torna. Quanto mais se relaciona com o absolutamente outro, tanto mais é ele mesmo (BOFF, 2003, p.284).

A proposta de Jesus é esse encontro de realidades que unidas tornam o ser humano cada vez mais humano. Fazer com que o outro seja humano é dar dignidade a ele, dar sentido à sua existência e olhar e sentir com ele, fazer-se presente na vida e na história dessas pessoas com as quais nos relacionamos. Uma conversão pastoral para ser efetiva necessita começar pela relação com o outro. Mas essa relação implica ver, sentir compaixão e cuidar. Francisco compreende essa proposta, e por isso suas atitudes, assim como seus discursos, mostram o agir misericordioso, que não é algo que nasce com ele, mas é uma ação que o próprio Jesus nos ensinou, “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus” (EG, 187). A intenção do Papa é levar a cabo o projeto de Cristo, e ele entende que esse caminho é a partir da misericórdia, que é o amor de Deus pela humanidade.

3.3 Lampedusa, uma viagem que marcou seu pontificado.

O Cardeal Jorge Mario Bergoglio, foi eleito papa no dia 13 de março de 2013, mas podemos dizer que o que realmente marcou o seu pontificado e definiu o caminho que Francisco iria percorrer para conduzir a Igreja de Cristo, foi a sua viagem a Ilha de Lampedusa no dia 8 de julho desse mesmo ano. Essa viagem, marcou profundamente por se tratar de um lugar de grande concentração de imigrantes, que vinham à ilha em busca de abrigo e alimentos. Outro fator era o grande número de pessoas que morriam durante essa busca, o que tornava esse lugar ainda mais triste.

Francisco, ao visitar essa ilha, toma uma atitude que brota do coração do Evangelho, “tive sede e me destes de beber, tive fome e me alimentastes, fui estrangeiro e vós me acolhestes” (Cf, Mt, 25, 35). O Papa apresenta desde o início do seu pontificado que a atitude que devemos ter diante da exploração, da indiferença, da cultura do descarte é a atitude de misericórdia. É agir com compaixão e empatia, colocando-nos no lugar daqueles que estão mais necessitados. Ele mostra com essa viagem que a atitude do cristão não é ficar trancado em sua casa diante do sofrimento alheio. O caráter social é uma atitude de misericórdia, é uma conduta de superação da autorreferencialidade para uma ação misericordiosa. Francisco sonha com uma Igreja nesses moldes, que não seja omissa ao sofrimento humano, que leve a proposta de Jesus a sério. “Uma Igreja misericordiosa que anuncie o coração da revelação de Deus Amor, que é a misericórdia. É esta mesma misericórdia que nos renova no amor” (FRANCISCO, 2018).

A presença do Papa na ilha de Lampedusa marca profundamente aquelas pessoas, pois ele está reconhecendo as dificuldades que eles estão enfrentando, não apenas com palavras, mas demonstra que ele realmente se importa fazendo-se presente diante deles. Estar ali em um lugar de sofrimento é demonstrar, assim como Jesus, que ele veio para os que estão feridos, conforme nos diz a sagrada escritura, “não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes” (Mc, 2, 17).

Outro ponto interessante é que após essa viagem, alguns bispos do Estados Unidos se uniram para uma reivindicação do direito de imigração. Sabemos que os EUA enfrentam um grande fluxo de imigrantes ilegais, e que muitos morrem no caminho de fuga para uma “vida melhor”. Diante disso, os bispos, após essa viagem de Francisco, se reuniram na fronteira do México e EUA, em abril de 2014, a fim de fazer uma reivindicação do direito de imigração. Esse fato pode até parecer irrelevante, mas o caso é que nunca na história os bispos americanos se manifestaram tão categoricamente pedindo uma reforma nas leis de imigração (Cf. ALLEN, 2014).

Por isso a viagem de Francisco marca radicalmente o seu pontificado. Hoje é possível compreender melhor as razões que o levaram a essa viagem que, apesar de rápida, foi de extrema importância. Seu pontificado é uma luta pela paz e justiça, a qual exige ações concretas, e que tem como método o agir a partir da misericórdia. Assim como o retorno de João Paulo II à Polônia, em junho de 1979, marcou profundamente seus habitantes com a esperança da luta contra a injustiça causada pelo sistema soviético, Francisco em Lampedusa traz novamente os

sinais de uma esperança em um mundo melhor, de um verdadeiro comprometimento com a vida em sua totalidade.

Assim como a Praça da Vitória marcou João Paulo como o pontífice que enfrentaria a injustiça do sistema soviético, Lampedusa apresentou o Papa Francisco, cujo sonho de desenvolver uma "Igreja pobre, feita para os pobres", seria mais que retórica. Criou, em certo sentido, uma estrutura mais consistente para sua defesa do evangelho social (ALLEN. 2018).

Isto posto, o que podemos concluir das ações de Francisco em Lampedusa é que suas atitudes estão dentro de um processo de continuidade e descontinuidade. Ao mesmo tempo que dá sequência ao que seus antecessores já apresentavam, ele também muda o modo de colocar em prática o agir missionário. Desde o início da sua eleição ele já havia demonstrado que seria diferente. A escolha do nome Francisco, o fato de se autodenominar “bispo de Roma”, o seu pedido de oração como primeira atitude diante do povo na apresentação como novo pontífice, a sua decisão de ir morar no Hotel Santa Marta, seus pequenos gestos informais, entre outros (Cf, PASSOS, 2018, p. 14). Tudo isso era já o anúncio de um papa disposto a mudanças. Ele compreende que o Evangelho é sempre uma novidade. Que a Revelação Divina é sempre algo novo e que por isso a Igreja tem de estar sempre aberta a mudar, a transformar-se. [...] “em toda a história da salvação, quando Deus Se revela, traz novidade – Deus traz sempre novidade –, transforma e pede para confiar totalmente Nele” (FRANCISCO, 2014, p. 43).

3.4 A promoção do Jubileu da Misericórdia (2015-2016).

Outro fato importante para a Igreja foi a proclamação do ano da misericórdia no ano de 2015. A intenção de Francisco ao fazer tal promoção é de chamar a atenção de todo o povo para uma mudança de mentalidade. Ele compreende e convida todos a entenderem que a conversão pastoral, que é uma necessidade da Igreja, só acontecerá de modo concreto e eficaz se for pelo caminho da misericórdia. Com isso ele quer chamar a atenção das comunidades para que sejam “capazes de permanecer vivas e dinâmicas na obra da nova evangelização na medida em que a ‘conversão pastoral’, que estamos chamados a viver, for plasmada dia após dia pela força renovadora da misericórdia” (MM, 5).

Ao proclamar esse Ano Jubilar da Misericórdia, Francisco está mais do que simplesmente escrevendo algumas palavras bonitas. Ele está convidando toda a Igreja a refletir sobre suas bases, assim como o Concílio Vaticano II o fez quando propôs à Igreja olhar para si mesma e voltar às fontes. Para Francisco, esse voltar às origens é voltar para Jesus Cristo, e voltar para Ele significa acolher a sua misericórdia. Pois “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” (MV, 1), e isso significa dizer que Cristo, “com a sua palavra, os seus gestos e toda a

sua pessoa, [...] revela a misericórdia de Deus” (MV, 1). Isso tem uma importância grandiosa para o nosso caminho de fé, uma vez que isso implica dizer que,

Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor « visceral ». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão. (MV, 6).

Por conseguinte, com a bula de proclamação do Ano Jubilar da Misericórdia, Francisco está a reafirmar que o rosto de Deus não é outro senão o da misericórdia. E isso é um convite às comunidades para abertura ao diálogo também com outras religiões. O Papa salienta a presença da misericórdia divina em toda a Sagrada Escritura pois, “as páginas do Antigo Testamento estão permeadas de misericórdia, porque narram as obras que o Senhor realizou em favor do seu povo, nos momentos mais difíceis da sua história” (MV, n. 23).

Esse tipo de reflexão ajuda a uma aproximação com os judeus e com eles construir caminhos de diálogo a partir da misericórdia. Portanto, a misericórdia, como podemos observar, é uma questão fundamental para vivência cristã, para todo processo de comunhão e participação e para o diálogo com outras religiões. Uma vez que impele a uma saída de si, a misericórdia se torna um conceito primaz para a construção de uma Igreja missionária.

3.5 A abertura de uma lavanderia, um gesto de amor e misericórdia.

Uma outra consequência do Ano Jubilar da Misericórdia é a abertura de uma lavanderia para os pobres e moradores de rua na cidade de Roma. Essa iniciativa vem ao encontro da proposta de conversão pastoral realizada por Francisco desde o início do seu pontificado. A conversão pastoral, que tem por caminho a misericórdia, implica ações concretas, e o papa entende que a Igreja necessita ter essa compreensão, pois a Igreja é o sacramento de Cristo, e, sendo assim, ela é a portadora dessa misericórdia de Deus. A abertura dessa lavanderia

Trata-se de uma iniciativa do Papa Francisco realizada através da Esmolaria Vaticana, que é responsável por levar aos mais necessitados a ajuda do Pontífice. É “um serviço oferecido gratuitamente às pessoas pobres”, especialmente moradores de rua, “para que possam lavar, enxugar e passar suas roupas e lençóis”, disse o Vaticano em um comunicado. A lavanderia está localizada dentro do “Centro Gentes de Paz” da Comunidade de Santo Egídio, no antigo Hospital de San Gallicano, no centro de Roma. A comunidade de Santo Egídio administrará este novo projeto, assim como já administra as duchas e a barbearia que o Papa Francisco estabeleceu junto à colunata da Praça de São Pedro, em novembro de 2014 (JUANA, 2017).

Com a abertura da lavanderia, Francisco tem a intenção de fazer com que todos os batizados entendam e compreendam que a vivência cristã é mais do que meramente um rito, pois “querer estar perto de Cristo exige fazer-se próximo dos irmãos, porque nada é mais

agradável ao Pai do que um sinal concreto de misericórdia” (MM, 16). Adesão a Jesus Cristo deve sempre levar a um compromisso com o outro, somente esse modo de ser é que expressa verdadeiramente a fé, e isso é o que Francisco deseja que todos aprendam, para que a Igreja seja efetivamente sinal dessa misericórdia de Deus.

3.6 O beijo nos pés dos líderes do Sudão do Sul.

Ainda naquilo que se refere às atitudes de Francisco concernentes à proposta de conversão pastoral, destacamos o beijo dado nos pés dos líderes do Sudão do Sul como um gesto de pedido pela paz. “O Papa beijou os pés do presidente da República Salva Kiir Mayardit e dos vice-presidentes-designados presentes, entre os quais Riek Machar e Rebecca Nyandeng De Mabior” (JOSÉ, 2019).

Essa atitude de Francisco nos lembra a atitude de Jesus na instituição da Eucaristia, quando Ele lavou os pés dos discípulos. “Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: Sereis felizes se o puserdes em prática” (EG, 24). Jesus, com suas ações, mostra que Deus coloca também nas mãos dos fiéis a decisão de amar, de ser sinal do Seu Reino. Jesus sabia que deveria voltar para o Pai e, com seus gestos, mostra aos discípulos não apenas o discurso que deveriam proferir, mas sim as atitudes que deveriam ter. Francisco, na esteira de Jesus, caminha na mesma perspectiva, deseja mostrar com suas atitudes que “não existe discípulo maior que o mestre; todo discípulo perfeito deverá ser como o mestre” (Lc, 6, 40). Sendo assim, ao se ajoelhar diante dos líderes do Sudão do Sul e beijar-lhes os pés, está mostrando que a paz não vem a partir da guerra, das discussões ou de determinações de um ou de outro, mas brota da atitude de humildade e solidariedade, brota da atitude de misericórdia consigo e com os irmãos e irmãs.

Esse modo de propor a paz, de apontar o caminho para a conversão pastoral é um método totalmente próprio de Francisco, que por sua vez incentiva que outros também tenham as mesmas atitudes. Tal ação trouxe grande esperança para muitos na Igreja. Dom Eduardo Hiiboro, bispo e presidente da conferência dos bispos do Sudão do Sul, afirma que “as reações e as impressões foram muito fascinantes e muito encorajadoras, motivadoras” (ACI DIGITAL 2019). Essa afirmação de Dom Eduardo, mostra que a atitude de alguém é capaz de motivar e encorajar para que mais ações assim aconteçam. Francisco, assim como Jesus, quer mostrar que o caminho para que o Reino de Deus aconteça é o da misericórdia. É como nos afirma São Paulo: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine” (1Cor, 13, 1). A caridade que é

o amor de Deus, a sua misericórdia, é também para nós essencial no anúncio e na missão do Evangelho. “A misericórdia, porém, não corresponde somente a própria substância do Evangelho, enraizada em Deus uno e trino que é Amor misericordioso, mas concorda também com uma das necessidades mais características do nosso tempo [...]” (SCANNONE, 2019, p. 23,). Sem a misericórdia o espírito missionário não subsiste, e nosso ímpeto pastoral desfalece. Pode nos faltar qualquer coisa, mas não deve faltar a misericórdia.

3.7 A viagem ao Iraque.

Por último e não menos importante, queremos destacar ainda a viagem de Francisco ao Iraque. Sua atitude é mais uma vez impactante, por se tratar de um lugar marcado por conflitos entre os povos. “O contexto geopolítico do Oriente Médio, a pandemia que assola o mundo desde o início de 2020, e o próprio ineditismo de uma visita papal ao Iraque contribuem para tornar este episódio um fato histórico” (VEIGA, 2021). Mais uma vez estamos diante de atitude de misericórdia. Francisco pretende mostrar que diante da necessidade de paz no mundo, não podemos ficar parados. Os cristãos não podem ficar inertes diante do sofrimento alheio. A proposta do Evangelho nos convida a realizarmos sempre um movimento em direção ao outro. O Papa afirma que “O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos” (EG, 39). E essa viagem mostra mais uma vez, a resposta de alguém que compreendeu esse valor do Evangelho e realizou uma verdadeira adesão à pessoa de Cristo. Revestidos da “armadura de Cristo” (Ef, 6, 11), os cristãos são convidados a se lançarem numa proposta de verdadeira conversão, “que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento não nos serve uma simples administração” (EG, 25).

Destarte, Francisco quer fazer com que todos entendam o que já salientava na Exortação *Evangelii Gaudium*, que é urgente uma Igreja em saída. E esse sair não é para fazer proselitismo religioso, mas sim para favorecer o processo de humanização de todos. É com gestos e obras que o projeto de Deus tem continuidade. Todos os batizados são convidados a colaborar com o projeto de Deus, pois todos são o seu povo, corpo místico de Cristo.

Com efeito, os que creem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível, mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo, não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo, são finalmente constituídos em raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus (LG, 9).

Desta forma, o povo de Deus é convidado a alimentar o desejo missionário de ir ao encontro do próximo, mesmo quando isso significa sofrer humilhações e descaso provocados

por uma sociedade da exclusão e do descarte. Francisco é fiel à palavra do Evangelho e mostra-nos que “com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG, 24).

Consequentemente, todas as ações de Francisco têm por objetivo destacar que, no percurso da vida cristã, o caminho para se chegar a uma verdadeira mudança parte da misericórdia, a qual “não tem a ver só com as consequências éticas e sociais desta mensagem; trata-se sobretudo de uma mensagem sobre Deus [...]” (KASPER, p. 33, 2015). Isso significa que, ao falar de misericórdia, não estamos falando apenas de um conceito, mas estamos nos referindo a uma característica própria de Nosso Senhor.

E, com isso, podemos afirmar que Francisco, ao se referir tantas vezes à misericórdia, está adotando um método teológico próprio, “a hipótese plausível é que Francisco assume posturas metodológicas que possibilitam expor os fundamentos e processos da reforma da Igreja por ele anunciada, convocada e encaminhada [...]” (PASSOS, p. 11 2018). O que significa dizermos que Francisco não age de modo aleatório, mas sabe muito bem o que está fazendo. Seus gestos e palavras pretendem apontar o caminho para uma Igreja mais próxima de seus fiéis. Uma Igreja que é de fato mãe que acolhe e cuida com amor de seus filhos. É essa a Igreja que Francisco sonha e deseja, e por essa razão ele não se cansa de demonstrar que o caminho da misericórdia é o que proporcionará uma verdadeira conversão pastoral de todo o povo de Deus. A misericórdia, portanto, é uma “condição fundamental e indispensável para a convivência no seio de um povo, assim como entre os povos” (KASPER, p. 239, 2015). E o pontífice está disposto a lutar para que todos alcancem essa compreensão de que a misericórdia é o modo para que nos tornemos mais fiéis ao Evangelho. Seja com palavras ou atitudes, Francisco demonstra o seu amor pela Igreja, pelo povo e a Deus, convidando a todos a experimentar o amor misericordioso de Deus e propagá-lo a todas as nações.

CONCLUSÃO

A partir do que até agora foi exposto neste trabalho, podemos concluir que a misericórdia é uma questão fundamental para o processo de conversão pastoral. Este princípio se tornou um método teológico no pontificado do Papa Francisco. Podemos observar que ele em todas as suas contribuições para o ordenamento da Igreja busca empenhar-se em destacar o caminho da misericórdia como fundamental para o agir cristão. De fato, uma vez que somos incorporados ao corpo de Cristo, nossa ação necessariamente se torna a de Jesus, pois a fé pressupõe a ação ao caminho de fraternidade e à caridade (Cf, CNBB, 2020, n.8).

A Igreja é chamada a essa conversão, a uma mudança de mentalidade e de atitudes. Ela deve se empenhar para que todos se sintam participantes do corpo místico de Cristo. Uma vez que cada membro é parte essencial ao projeto de Deus, e que o serviço de cada um à Igreja configura-se em serviço ao próximo. Ela se destaca pela grande diversidade de dons e carismas (1 Cor. 12, 4-11) mas é fundamental que haja uma compreensão de que independente da função prestada no ordenamento dela, todos têm algo em comum que é a *diakonia*. Em Jesus todos somos chamados ao serviço dedicado ao próximo, a exercer a função daquele que serve, pois Ele mesmo nos deu o exemplo: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc. 22, 27). Com isso a Igreja, que é o corpo místico de Cristo, chamada à conversão, é também convidada a ser o rosto da misericórdia de Deus no mundo. Agindo desse modo, a Igreja responde à sua vocação que é ser o sacramento de Cristo, pois ao realizar suas obras ela manifesta, não apenas o seu desejo, mas o próprio Jesus. Torna-se sinal de Cristo no mundo, apontando para aquele que é a única Verdade, a única Vida e o único Caminho. É, portanto, a partir da pessoa de Cristo, que a conversão pastoral ocorre, e uma vez que Cristo é a própria misericórdia de Deus, a misericórdia se torna a via pela qual podemos alcançar todo esse processo de conversão pastoral.

No primeiro capítulo deste trabalho destacamos o caminho que a Igreja tem percorrido durante o processo histórico deste a sua fundação. Com isso apontamos como os apelos pastorais têm avançado na vida da Igreja, contudo não é errôneo afirmar que ainda falta muito para que a ação pastoral possa ser mais eficaz. As respostas, como pudemos observar, parecem recair sobre a conversão pastoral, que por sua vez vem sendo cada vez mais abordada nos assuntos que se referem à vida da Igreja, em especial pelo pontificado do Papa Francisco. Uma Igreja em saída é uma Igreja disposta à conversão, pois quando saímos de nosso conformismo e do nosso comodismo, é porque estamos dispostos a ouvir o outro e a permitir também sermos

mudados. Por essa razão Francisco insiste nessa saída da Igreja, sair de suas fronteiras, ou seja, de suas paredes, avançar para as periferias existenciais, onde se pode encontrar o Jesus que sofre, que passa fome, sede, frio, pois, poucos são aqueles que olham para estes e sentem compaixão e dedicam-se a cuidar. É um fato que a vida, para ser bem vivida, tem que ser uma vida de doação, de entrega e de encontro com o outro. Foi isso que Jesus ensinou com sua encarnação, morte e ressurreição. “De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais” (EG, 10). Com isso queremos destacar que não se realiza mudança sem um permitir-se sair das seguranças, é verdadeiro mergulho no mar, onde não há como saber de modo concreto o que se encontrará. Assim é a vida pastoral na Igreja, um mergulhar na vida do outro, na vida da comunidade sem medo das dificuldades ou dos desafios, sempre dispostos a fazer como Mestre ensinou.

No segundo capítulo abordamos os desafios da Igreja no mundo de hoje, os quais são os motivos que levam Francisco a insistir tanto na conversão pastoral a partir da misericórdia. O que podemos concluir deste segundo tópico de nosso trabalho é que, sem misericórdia, todo nosso empenho pastoral perderia o sentido. Se não for pelo amor, seja o que fizermos, por melhor que possa parecer, ainda assim não será suficiente para darmos respostas ao convite de Jesus, pois, “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). Se quisermos realizar uma conversão pastoral que responda aos desafios da sociedade de hoje, não temos como fugir da maior virtude de todas que é a misericórdia. Que cada palavra e cada ação de nossa parte seja para que levemos sem medo esse amor de Deus para todos, sem distinção. Que ao olhar aquele que está à margem da sociedade, lembremos que ele é Jesus, que foi também colocado à margem da sociedade em sua época e levado à morte simplesmente por amar demais. Queiramos também nós amar como Ele amou, a fim de que possamos ser luz entre os povos, ser sinal fervoroso desse amor que emana do lado aberto de Jesus na Cruz.

Por fim, no terceiro e último capítulo apontamos as atitudes de Francisco na direção de uma Igreja da misericórdia. De fato, ele demonstra com suas palavras e ações que a conversão pastoral tem de iniciar pelo caminho do amor. É a misericórdia que faz com que nos aproximemos uns dos outros na construção do Reino de Deus.

Isto posto, com o que foi destacado até o presente momento podemos afirmar que Francisco, ao se referir tantas vezes à misericórdia, está adotando um método teológico próprio, “a hipótese plausível é que Francisco assume posturas metodológicas que possibilitam expor os fundamentos e processos da reforma da Igreja por ele anunciada, convocada e encaminhada

[...] (PASSOS, p. 11 2018). O que significa dizermos que Francisco não age de modo aleatório, mas sabe muito bem o que está fazendo. Seus gestos e palavras pretendem apontar o caminho para uma Igreja mais próxima de seus fiéis. Uma Igreja que é de fato Mãe, que acolhe e cuida com amor de seus filhos. É essa a Igreja que Francisco sonha e deseja, e por essa razão ele não se cansa de demonstrar que o caminho da misericórdia é o que proporcionará uma verdadeira conversão pastoral de todo o povo de Deus. A misericórdia, portanto, é uma “condição fundamental e indispensável para a convivência no seio de um povo, assim como entre os povos” (KASPER, p. 239, 2015). E o pontífice está disposto a lutar para que todos alcancem essa compreensão de que a misericórdia é o modo para que nos tornemos mais fiéis ao Evangelho. Seja com palavras ou atitudes, Francisco demonstra o seu amor pela Igreja, pelo povo e a Deus, convidando a todos a experimentar o amor misericordioso de Deus e propagá-lo a todas as nações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ACI DIGITAL. **Bispo do Sudão do Sul: Beijo do Papa nos pés de líderes foi uma forte mensagem de paz.** Aci digital, 2019. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/bispo-do-sudao-do-sul-beijo-do-papa-nos-pes-de-lideres-foi-uma-forte-mensagem-de-paz-28589>. Acesso em: 03 de jun. de 2022.

ALLEN JR. Jonh L. **As reformas das leis de imigração tornou-se uma causa “pró-vida” nos EUA.** Tradução: Isaque Gomes Correa. Unisinos, 2014. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/530090-a-reforma-das-leis-de-imigracao-tornou-se-uma-causa-pro-vida-nos-eua>. Acesso em: 02 de jun. de 2022.

_____. **Lampedusa. Cinco anos de uma viagem que diz muito sobre o papado de Francisco.** Tradução: Victor D. Thiesen. Unisinos, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580623-lampedusa-cinco-anos-de-uma-viagem-que-diz-muito-sobre-o-papado-de-francisco>. Acesso em: 01 de jun. 2022.

ALMEIDA, Juliano Ribeiro. **O primado do amor na Amoris laetitia: aproximações à teologia de Duns Scotus.** Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, 2021. [S. l.], v. 53, n. 1, p. 99. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4651>. Acesso em: 20 set. 2021.

AMADO, Joel Portella. **Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida.** Atualidade Teológica. PUCRio. Rio de Janeiro, ano XII, nº 30, p. 301- 316, set/dez 2008. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26007&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nrseqcon=18418. Acesso em 22 de fev. 2022.

BERNARDES, Matheus da Silva. **A misericórdia no documento conclusivo de Medellín (1968).** Annales Faje. Belo Horizonte, 2018. v. 3 n. 5, p. 115-125. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4120>. Acesso em: 16 out. 2021.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Graça e Experiência Humana: A graça libertadora no mundo.** Petrópolis – RJ : Vozes, 2003.

BRIGHENTI, Agenor. **A ação pastoral em tempos de mudança: Modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma.** Vida Pastoral, Ano 56, n. 302, 2015. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/a-acao-pastoral-em-tempos-de-mudanca-modelos-obsoletos-e-balizas-de-um-novo-paradigma/#>. Acesso em: 20 de mar. 2022.

_____. **A pastoral dá o que pensar: A inteligência da prática transformadora da fé.** São Paulo: Paulinas, 2017.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo, Cortez & Moraes, 1997.

CASTILHO, José M. **Deus e nossa felicidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola. 19ª edição: 2017.

COLLETO, Raquel Maria de Paola. **A Gaudium et spes e a Evangelii gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral.** Repositório Institucional- PUCRS. Porto Alegre/RS, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7225>>. Acesso em 13 de Ago. 2021.

CONSTITUIÇÃO LUMEN GENTIUM. In Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II, 1995. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 09 de Ago. 2021.

CUNHA, Jorge Teixeira da - **A misericórdia como critério moral e pastoral.** Humanística e Teologia. Palma de cima, Lisboa- Portugal, 2016. ISSN 0870-080X. Tomo XXXVII, Fasc. 1 (2016), p. 159-172. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22374>>. Acesso em: 15 out. 2021.

CNBB. **Campanha da fraternidade 2020. Texto base.** Brasília: Edições CNBB, 2020

DIEKMANN, Leonardo Envall.; MASLOWSKI, Adriano André. **Medellin: A conversão pastoral da paróquia em uma Igreja profética.** Revista Teopraxis, [S. l.], v. 37, n. 128, p. 71-90, 2021. DOI: 10.52451/teopraxis.v37i128.28. Disponível em: <http://revista.itpa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/28>. Acesso em: 24 ago. 2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano e do Caribe.** São Paulo: Paulus, 2008.

FELLER, Vitor Galdino. **A eclesiologia de Aparecida.** Revista Encontros Teológicos, v. 23, n. 3, 2008. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/977/634>. Acesso em: 21 de fev. 2022.

FERRAZ, Chrystiano Gomes. RANGEL, Dian Henriques. **Para uma espiritualidade do encontro: uma proposta de espiritualidade cristã a partir das encíclicas do Papa**

Francisco. Reveleto, São Paulo, v. 15, n. 27, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/52118>>. Acesso em: 11 de Ago. 2021.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja.** Org. Giuliano Vigini; São Paulo: Paralela, 2014.

_____. **Carta do papa francisco para o ix encontro mundial das famílias sobre o tema: "o evangelho da família: alegria para o mundo"**. Vaticano, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170325_incontro-mondiale-famiglie.html. Acesso em: 01 de jun. 2022.

_____. **Evangelii Gaudium A alegria do Evangelho.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. **Amoris Laetitia.** São Paulo: Loyola, 2016.

_____. **Carta encíclica Fratelli Tutti.** Sobre a fraternidade e a amizade social. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 08 de Ago. 2021.

_____. **Discurso no Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Roma, outubro de 2014.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html>. Acesso em: 11 de Ago. 2021.

GONZÁLEZ, José I. **A autoridade da verdade. Momentos obscuros do magistério eclesialístico.** São Paulo: Loyola, 1998.

JOSÉ, Silvonei. **O Papa beija os pés dos líderes do Sudão do Sul.** Vaticanews, 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-04/papa-francisco-sudao-sul-beija-pes.html>. Acesso em: 03 de jun. de 2022.

JUANA, Álvaro de. **Papa Francisco lança uma lavadeira para os pobres de Roma.** Acidigital, 2017. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-lanca-uma-lavanderia-para-os-pobres-de-roma-26476>. Acesso em: 03 de jun. 2022.

KASPER, Walter. **A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave de vida cristã.** Tradução: Beatriz Luiz Gomes. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

KUZMA, César. **La eclesiología del Papa Francisco: el rescate de la agenda inacabada del Vaticano II y su recepción en la Exhortación Evangelii Gaudium.** Medellín. Bíblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe, [S. l.], v. 43, n. 168, p. 333-346, 2017. Disponível em:

<<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/178>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

LIBANIO, João Batista. **Cenários da Igreja: Num mundo plural e fragmentado**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Deus e os homens: Os seus caminhos**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1990.

LORSCHIEDER, Aloísio. João B. Libânio. José Comblin. José M. Vigil. José O. Beozzo. **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005.

MANZINI, Rosana. “**Viu, sentiu compaixão e cuidou dele**”, um lema e uma encíclica. Revista Encontros Teológicos. Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, v. 35, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/1632/1305>>. Acesso em: 11 de Ago. 2021.

MESSIAS, Elvis Rezende. **A pastoral deve voltar a Jesus: Inspirações e provocações a partir da obra de J. A. Pagola**. Annales Fage. Belo Horizonte, 2021. V. 6, n. 1, p. 40-50. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4817/4657>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PASSOS, João Décio. **Método teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018. Coleção teologia do Papa Francisco.

PINHO, José Eduardo Borges de. **A Igreja, casa da misericórdia. Humanística e Teologia**. Palma de cima, Lisboa- Portugal, 2016. v. 37, n. 1, p. 29-56, 1 jan. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/9330>>. Acesso em: 25 Set. 2021.

SCANNONE, Juan Carlos. **O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento: e ética social do Papa Francisco**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

VEIGA, Edison. **Por que a viagem do papa ao Iraque será um fato histórico?** BBC News, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56268712>. Acesso em: 04 de jun. de 2022.

WOLFF, Elias. **Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco**. Revista Pistis & Praxis – Teologia e Pastoral. Curitiba/PR, V. 9, n. 2, p. 523- 537, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/14462/17925>>. Acesso em 13 de Ago. 2021.

